



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

LUIS ANDRÉ DE AGUIAR ALVES

**OESTE DA BAHIA (1980-1996)
UM ESTUDO DOS EFEITOS DO PROCESSO DE EXPANSÃO DAS
FRONTEIRAS AGRÍCOLAS NA REGIÃO**

**SALVADOR
1999**

LUIS ANDRÉ DE AGUIAR ALVES

**OESTE DA BAHIA (1980-1996)
UM ESTUDO DOS EFEITOS DO PROCESSO DE EXPANSÃO DAS
FRONTEIRAS AGRICOLAS NA REGIÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de graduação de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Raimundo de Almeida Brito

**SALVADOR
1999**

LUIS ANDRÉ DE AGUIAR ALVES

Oeste da Bahia (1980-1996) Um estudo dos efeitos do processo de expansão das fronteiras agrícolas na Região

Aprovada em junho de 1999.

Orientador: _____

Prof. Dr. Paulo R. de Almeida Brito.
Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA.

Prof. Dr. Antônio Plínio de Moura
Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA.

Prof. Vitor Athayde Couto Filho
Pesquisador da SEI

"Carreguei durante toda minha vida profissional a nostalgia da vida acadêmica." (Ameida, Rômulo, 1985, p. 206)

AGRADECIMENTOS

A Deus, aos meus pais, a minha esposa, e a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que eu conquistasse meus objetivos.

RESUMO

A realização do presente estudo envolveu a regionalização do Estado da Bahia, adotando-se, para tal, os critérios de regionalização proposto pela SEI-SEPLANTEC, Órgão de planejamento do Estado, que divide o Estado da Bahia em 15 regiões econômicas, entre as quais a região Oeste, que ocupa cerca de 20% do território do estado. Sendo a maior dentre as 15 regiões, possuindo características físicas próprias não encontradas em nenhuma outra região do Estado.

ÍNDICE DAS TABELAS

TABELA 1 - Região Oeste Estrutura Fundiária em 1975.....	29
TABELA 2 - Principais cooperativas instaladas na Região Oeste até 1993	30
TABELA 3 - Região Oeste - Estrutura Fundiária em 1985	32
TABELA 4 - Região Oeste - Estrutura Fundiária em 1996	33
TABELA 5 - Região Oeste - Rebanho das principais criações, por Município e participação na região e no Estado.	34
TABELA 6 - Produção de grãos na região Oeste por município em relação a região e ao estado no ano de 1996.....	38
TABELA 7 - Taxas de crescimento médio anual da população dos municípios urbana e rural	42
TABELA 8 - Região Oeste - Grau de Urbanização	47
TABELA 9 - Participação de Barreiras e dos outros municípios na composição da população total da Região.....	48
TABELA 10 - Participação de Barreiras e dos outros municípios na composição da população urbana da Região	48
TABELA 11 - Participação de Barreiras e dos outros municípios na composição da população rural da Região.....	48
TABELA 12 - Região Oeste - População Economicamente Ativa por Setor de Atividade.....	49
TABELA 13 - Participação de Barreiras e dos outros municípios na composição da ocupação total da Região	51
TABELA 14 - Participação de Barreiras e dos outros municípios na composição da ocupação rural da Região.....	51
TABELA 15 - Participação de Barreiras e dos outros municípios na composição da ocupação urbana da Região.....	51
TABELA 16 - Proporção de Pessoas de 10 anos ou mais, por rendimento médio mensal segundo os Municípios da Região Oeste da Bahia em 1980.....	53
TABELA 17 - Proporção de Pessoas de 10 anos ou mais, por rendimento médio mensal segundo os municípios da Região Oeste da Bahia em 1991	54

LISTA DE SIGLAS

CAR	- Companhia de Ação e Desenvolvimento Regional
CEVAL	- Agroindustrial Cereais do Vale S/A
COACERAL	- Cooperativa Agrícola dos Cerrados do Brasil Central
COARC	- Cooperativa Agrícola Mista do Rio Corrente
CODEVASF	- Companhia do Desenvolvimento do Vale do São Francisco
COMESF	- Cooperativa Agrícola Mista dos Projetos de Irrigação do Médio São Francisco
COPERMOSA	- Cooperativa Agrícola de Formosa do Rio Preto.
COPERGEL	- Cooperativa dos Produtores de Grãos dos Gerais Ltda.
COPERIOGRANDE	- Cooperativa Agrícola do Rio Grande
COTIA	- Cooperativa Agrícola de Cotia
FINOR	- Fundo de Investimento do Nordeste
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICSA	- Industrias Coelho S/A
OLVEBRASA	- Industria e Comércio de Óleos Vegetais S/A
PRODECER	- Programa de Desenvolvimento dos Cerrados
SEI	- Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SEPLANTEC	- Secretaria do Planejamento Ciência e Tecnologia da Bahia
SUDENE	- Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 CARACTERÍSTICAS GERAIS DA REGIÃO	11
2.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS.....	11
2.2 HISTÓRICO DO POVOAMENTO.....	13
2.3 OS NÚCLEOS URBANOS E A DIVISÃO POLÍTICO ADMINISTRATIVA	16
2.4 A NOVA CONFIGURAÇÃO DO POVOAMENTO	17
2.5 A INFRA-ESTRUTURA REGIONAL.....	18
3 PROCESSO DE EXPANSÃO DAS FRONTEIRAS AGRÍCOLAS.....	22
3.1 A EXPANSÃO DAS FRONTEIRAS NA AGRICULTURA BRASILEIRA.....	22
3.2 O PROCESSO DE EXPANSÃO DAS FRONTEIRAS AGRÍCOLAS NA REGIÃO OESTE DA BAHIA.....	23
3.3 AS MUDANÇAS NA ESTRUTURA FUNDIÁRIA DO OESTE.....	26
3.3.1 A distribuição espacial da pecuária.....	34
3.3.2 A distribuição da agricultura regional.....	36
3.3.3 A nova agricultura e a agro-indústria.....	40
3.3.4 O desenvolvimento do comércio e dos serviços.....	41
4 CRESCIMENTO POPULACIONAL, URBANIZAÇÃO E A NOVA FACE DA OCUPAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA NO OESTE	42
4.1 O CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO A PARTIR DE 1980	42
4.2 A NOVA CONFIGURAÇÃO DOS NÚCLEOS URBANOS.....	45
4.3 O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E A POLARIZAÇÃO EM BARREIRAS.....	46
4.4 O NOVO PERFIL DA OCUPAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA REGIONAL.....	48
4.5 A EVOLUÇÃO DO RENDIMENTO DOS OCUPADOS.....	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
ANEXOS	60

1 INTRODUÇÃO

A realização do presente estudo envolveu a regionalização do Estado da Bahia, adotando-se, para tal, os critérios de regionalização proposto pela SEI-SEPLANTEC, Órgão de planejamento do Estado, que divide o Estado da Bahia em 15 regiões econômicas, entre as quais a região Oeste, que ocupa cerca de 20% do território do estado. Sendo a maior dentre as 15 regiões, possuindo características físicas próprias não encontradas em nenhuma outra região do Estado.

A partir do final da década de 70 a região Oeste passou a integrar o circuito agrícola do cerrados brasileiros, através do processo de expansão das fronteiras agrícolas que introduziu na região a agricultura moderna, mudando completamente a economia regional. Frente a essas transformações, um estudo mais recente dos impactos desse processo sobre a população da região e a forma que o mesmo se distribui entre os municípios tornando-se importante para a análise do desenvolvimento regional.

O presente trabalho esta estruturado em três capítulos. O Primeiro capítulo faz uma rápida caracterização da região, mostrando sua divisão política, os municípios que compõe, limites, características geográficas e dados mais recentes a respeito da população. Aborda, também o histórico do povoamento até o inicio do processo de expansão das fronteiras agrícolas, dando uma idéia da infra-estrutura regional na parte de estrutura viária, armazenagem, comunicações, educação, saúde, saneamento básico, energia e abastecimento de água.

O segundo capítulo demonstra como se desenvolve os processos de expansão de fronteiras agrícolas no Brasil, e, em particular, na região Oeste da Bahia.. A partir daí são analisados o rebanho das principais criações e a agricultura, principalmente a cultura de grãos, que foi o elemento vetor do processo de expansão das fronteiras agrícolas na região. Finalizando por analisar o desenvolvimento da agro-industria, do comércio e serviços frente a transformação econômicas ocorridas, sempre levando em consideração a distribuição dos

agentes econômicos dentro do território

O terceiro capítulo aborda a evolução dos aspectos diretamente ligados à população, ao crescimento populacional, à urbanização, à evolução dos núcleos urbanos. Em seguida aborda a ocupação da mão de obra regional, demonstrando as mudanças ocorridas no perfil da ocupação devido às transformações econômicas ocorridas na região, finalizando com a análise da evolução da renda dos ocupados por faixas salariais de acordo com o salário mínimo.

As considerações finais afirmam a concentração das atividades econômicas no município de Barreiras, que passou a ser o grande pólo regional e o mais beneficiado pelo processo. Aborda também as melhorias das relações de trabalho e da renda dos ocupados da região ressaltando os benefícios oriundos do ganho de produtividade auferidos pela modernização do setor agrícola.

ência decisivas na difusão do desenvolvimento pela região.

2 CARACTERÍSTICAS GERAIS DA REGIÃO

2.1 ASPECTOS GEOGRAFICOS

A região Oeste do Estado da Bahia possui 22 municípios (Angical, Baianópolis, Barreiras, Canápolis, Catolândia, Cocos, Coribe, Correntina, Cotegipe, Cristópolis, Formosa do Rio Preto, Jaborandi, Mansidão, Riachão das Neves, Santana, Santa Maria da Vitória, Santa Rita de Cássia, São Desidério, São Felix do Coribe, Serra Dourada, Tabocas do Brejo Velho e Wanderley). Sendo a mais extensa das regiões econômicas do Estado, com uma área de 114.872 Km² que corresponde a 20,51% do território baiano. Sua população, segundo contagem populacional do IBGE realizada em 1996, era de 463.422 habitantes, o que correspondia a cerca de 3,7% da população do Estado. Apresentando, portanto, uma densidade demográfica de 4,03 hab/Km², que é relativamente baixa se comparada com a densidade demográfica do Estado da Bahia, que em 1996 era de 22,71 hab/km². Vale ressaltar que tal densidade, na região, foi elevada substancialmente pelos imigrantes que chegaram motivados pelo cenário favorável, que a mesma apresentava, para a expansão das fronteiras agrícolas. Esse fenômeno que se iniciou durante a década de 80 mudou completamente os padrões sócios econômicos da região.

Em 1980 o Oeste apresentava uma densidade demográfica de 2,93 hab/Km², e 72,40% da sua população se encontrava na zona rural, a atividade econômica era incipiente, baseada na pecuária extensiva e na agricultura comercial voltada para atender ao pequeno mercado da região. Com tais características o Oeste baiano não despertava interesse na dinâmica econômica do Estado, que se encontrava toda concentrada no litoral, principalmente na Região Metropolitana de Salvador. A introdução de técnicas modernas de produção agrícola mudaram a face do Oeste, mas não foi o bastante ainda para mudar o perfil da economia baiana que continua concentrada na Região Metropolitana de Salvador.

A região Oeste da Bahia limita-se ao Norte com o Estado do Piauí, ao Sul com o Estado de Minas Gerais, a Leste com os Municípios de Buritirama, Barra, Muquém do São

Francisco, Brejolândia, Sítio do Mato, Serra do Ramalho e Feira da Mata e, ao Oeste, com os Estados de Goiás e Tocantins. A região não se encontra dentro dos limites do semi árido baiano, possuindo característica incomuns às demais regiões econômicas do Estado

O clima característico é o tropical semi-úmido, possuindo duas estações bem definidas. A estação das chuvas que se concentra nos meses de novembro a abril, com um clima úmido e quente. E a estação seca que possui baixas temperaturas e ocorre entre os meses de abril a outubro. Com essas características é possível produzir na região duas safras anuais, uma entre outubro e fevereiro (safra de primavera verão), e a outra entre os meses de janeiro a junho (safra de verão). No período de julho a setembro ocorre na região uma rápida estiagem.

Sua pluviosidade varia entre 1.000 a 2.000 mm por ano, sendo que durante a estação chuvosa se concentra 83,5% das precipitações ocorridas durante o ano, a umidade relativa do ar fica em média em torno de 64%, sendo a máxima de 76% verificada no mês de dezembro e a mínima de 46% ocorrendo no mês de agosto. A temperatura média da região varia entre 33° e 14°C.

O clima da região é bastante propício ao cultivo de vários produtos agrícolas. No entanto a distribuição espacial das chuvas, que ocorrem com mais frequência no lado Oeste contribui para que a produção agrícola se concentre nas faixas de terras que fazem fronteira com o Estado de Goiás, ficando o lado leste da região restrito à prática da agricultura de sequeiro, necessitando, portanto, de grandes investimentos em irrigação para obter melhores resultados na produção.

O relevo é formado por chapadões, com altitudes variando entre 800 e 950 m do lado Oeste e 500 a 600 do lado Leste, em geral planos apresentando, às vezes, pequenas ondulações.

Os principais rios da região são Rio Grande, Rio Corrente e Rio Preto. Os dois primeiros são afluentes do São Francisco e o último, sub-afluente. Além disso, no lado Oeste da

região possui grande número de pequenos rios que também integram a bacia do São Francisco, todos tendo o seu curso no sentido de Oeste para o Nordeste seguindo de forma paralela uns aos outros. Os rios da região são perenes e apresentam vazão que varia muito pouco durante o ano.

A vegetação predominante no Oeste é o Cerrado, não tão denso como no planalto central do Brasil, o que torna o solo da região mais exposto. Essas características permitem um manuseio mais fácil do solo, reduzindo os custos com desmatamento. Devido a essas características da vegetação, a ocupação dos cerrados no Oeste baiano pela moderna agricultura começou pelas áreas onde o desmatamento era mais fácil, ou seja, a medida que a ocupação evolui os custos com desmatamento aumentam.

O solo possui boa homogeneidade, sendo o solo mais comum o latossolo vermelho e amarelo a alíco de textura média. Esse tipo de solo é bastante ácido, apresentando baixos teores de matéria orgânica, cálcio, potássio, fósforo, magnésio e nitrogênio. No entanto, é um solo de fácil manejo, bem drenado, que pode ser corrigido através de adubos e componentes químicos.

2.2 HISTÓRICO DO POVOAMENTO

Embora totalmente desvinculada do primeiro ciclo econômico colonial (ciclo da cana-de-açúcar), a região Oeste da Bahia começou a ser ocupada ainda no século XVI, porém sua ocupação nesse período esteve ligada a expedições para a captura do índio para ser utilizado como escravo nos canaviais. No século XVII surgiram os primeiros povoados na região, que se originou da ação de sertanistas e bandeirantes. Como deixa claro o IBGE:

Todas as vilas, povoados e freguesias que se fundaram nos sertões da Bahia, originaram-se da ação de sertanistas e bandeirantes que abalaram do litoral para o centro em busca de ouro, diamantes e de lucros na criação e na venda de gado. (IBGE,1958, p199).

Com o tempo o povoamento passou a seguir os cursos navegáveis dos rios São Francisco, Grande, Corrente e Preto. A princípio a ocupação se iniciou através da concessão de sesmarias onde predominava a pecuária como principal atividade econômica.

No século XVII a descoberta do ouro em Minas Gerais e do diamante em Goiás, favoreceu o crescimento dos povoados da região, que se desenvolveram como entrepostos comerciais, principalmente os povoados localizados às margens dos rios, haja vista, que pela região passaram a circular os migrantes que se destinavam às regiões mineradoras.

Até meados do século XX, a economia regional ficou centrada na pecuária extensiva e na agricultura mercantil simples que visava a atender às necessidades regionais. Porém, a partir de 1940 se intensificou a presença do estado na região.

Durante a segunda guerra mundial, por motivos estratégicos, o governo americano, instalou um aeroporto internacional em Barreiras, permitindo que o látex extraído a partir da seiva da mangabeira fosse utilizado na fabricação de borracha pelos aliados, com o intuito de garantir o suprimento de matéria prima durante o esforço de guerra. No ano de 1943 foi instalada a agência do Banco do Brasil em Barreiras, com isso a região passou a contar com o seu primeiro agente financeiro. Na década de 50 o Estado continuou presente através da instalação de um posto do Ministério da Agricultura.

Nos anos 60, com a fundação de Brasília, a região ganha novo impulso, pois a mesma fica localizada na região de influência da nova Capital. Com isso o Oeste passa a desfrutar das rodovias que levam a Brasília e, conseqüentemente, ao Brasil Central. Nessa época foi instalado no município de Barreiras o 4º Batalhão de Engenharia e Construção do Ministério do Exército para a abertura da estrada BR-242, o que levou para o município um contingente de 5.000 pessoas para trabalhar na sua construção. A nova rede viária deixou o Oeste baiano mais próximo dos grandes centros urbanos regionais e nacionais. Assim, o povoamento da região ganhou novo impulso, ao invés de seguir os cursos dos rios navegáveis, o povoamento passou a acompanhar a malha rodoviária e o município de Barreiras, o único inserido nessa nova ordem, começa a se consolidar como o grande

centro urbano da região.

Nos anos 70, a participação do Estado continuou relevante, através da CODEVASF, da SUDENE/FINOR e de programas como o PRODECER (Programa de Desenvolvimento dos Cerrados). Além disso, foi construída a hidrelétrica de Correntina que passou a gerar energia elétrica para toda região.

É a partir do final dos anos 70, no entanto, que os núcleos urbanos da região começam a passar por grandes transformações. O início do processo de expansão das fronteiras agrícolas e a introdução da cultura de grãos, principalmente a da soja, que se tornou o produto vetor desse processo fortalecendo a economia regional. Assim, a dinâmica econômica da região tornou-se relevante para o Estado da Bahia, pois passou a ser o centro produtor de grãos do Estado.

Na época os baixos custos das terras do Oeste, associado aos incentivos fiscais e um mercado promissor, favoreceram a rápida expansão da produção agrícola. A região passou a receber levas de imigrantes de todas as regiões do País, mas principalmente da região Sul.

Diante de um cenário bastante favorável, a região passou a atrair investimentos de outras regiões do Brasil, principalmente oriundos das regiões Sul e Sudeste. Esses investimentos eram feitos em grande parte por empresas e cooperativas. Além disso, com essas novas empresas e cooperativas chegavam à região as modernas técnicas agrícolas. A sociedade local passou a ser influenciada por esses novos agricultores, que associados a empresas e cooperativas introduziram técnicas de produção capitalistas na região, redesenhando todo cenário sócio econômico existente.

Durante a década de 80, o Oeste baiano se consolidou como grande centro produtor de grãos do Estado, produzindo principalmente soja, arroz e milho. O grande crescimento econômico registrado no período mudou totalmente a estrutura local.

Em 1991 haviam se instalado no Oeste dez grandes cooperativas, que juntas ocupava uma área de 1.070.000 ha.. Além das cooperativas, se instalaram também uma série de empresas que dão apoio à produção agrícola (revendedores de insumos, implementos agrícolas, transportadoras, dentre outras), sem falar na criação de um mercado local que foi ampliado a fim de atender as necessidades de uma população com o poder aquisitivo crescente.

Diante de grandes alterações os hábitos da população local também se modificaram, passando a se adequar à nova realidade, que inseriu uma população que produzia e vivia em função do mercado local, que em consequência das mudanças viram seus destinos ficarem atrelados aos mercados nacionais, internacionais, capital financeiro e ao grande capital agrícola.

2.3 OS NÚCLEOS URBANOS E A DIVISÃO POLÍTICO ADMINISTRATIVA

As terras localizadas à margem esquerda do rio São Francisco pertenceram à Província de Pernambuco até o ano de 1828, quando foram anexadas à Província da Bahia. Conforme afirma o IBGE: "Em 1821 foi erigida a freguesia, com a denominação de Sant'Ana do Sacramento do Angical, pertencendo ao bispado de Pernambuco até 1828." (IBGE, 1958, p 38).

A região sempre se caracterizou pela existência de poucos núcleos urbanos. Em 1957 existiam na região Oeste da Bahia apenas sete municípios (Angical, Barreiras, Correntina, Cotegipe, Santa Maria da Vitória, Santana e Santa Rita de Cássia). Esse quadro começou a mudar com a política de integração nacional, desenvolvidas pelo Governo Federal a partir do final da década de 50, na qual a integração dos cerrados brasileiro tinha destaque pela construção de Brasília. Os interesses políticos locais aliados ao programa de integração dos cerrados proporcionou a criação de novos municípios na região, sendo criados entre os anos de 1958 e 1962, mais onze municípios (Cocos, Coribe, Formosa do Rio Preto, Canapolis, Riachão das Neves, Cristópolis, Tabocas do Brejo Velho, Baianapolis, São Desidério, Catolândia e Serra Dourada).

Durante mais de vinte anos as fronteiras municipais não foram alteradas. No entanto, a partir de meados da década de oitenta foram criados os municípios de Wanderley, São Felix do Coribe, Jaborandi e Mansidão, Completando o quadro dos 22 municípios que atualmente integram a região.

2.4 A NOVA CONFIGURAÇÃO DO POVOAMENTO

Com o florescimento da economia local passou a ocorrer a formação de novos núcleos urbanos na região que despontaram, principalmente no município de Barreiras, São Desidério e Correntina. Esses núcleos tem sua origem principalmente na formação das cooperativas, pois são habitados na sua maioria por imigrantes associados as cooperativas. Destacam-se, nesse contexto, os povoados de Mimoso, Novo Paraná e Bela Vista (em Barreiras); Roda Velha de Cima e Roda Velha de Baixo (em São Desidério); Balsas Águas Claras e Rosário (em Correntina).

A cidade de Barreiras que sempre se destacou como o grande centro urbano da região, foi a cidade que mais investimentos recebeu com o novo ciclo econômico. O impacto desses investimentos sobre a cidade foi espantoso. Além de dinamizar a economia do município, criando novas oportunidades de emprego, provocou um rápido crescimento da população, que durante os anos de 1980 a 1991 cresceu com taxas médias anuais em torno de 7,58%. Apresentando, portanto, taxas bem superiores às registradas na região que era de 2,44% e no Estado da Bahia que foi de 2,09%. Entre 1991 e 1996 a taxa de crescimento populacional do município caiu seguindo a tendência nacional. Mesmo assim, o município apresentou taxas bem acima dos valores apresentados na região e no Estado. Enquanto a taxa de crescimento do Estado e da região foram de 1,11% e de 1,09% respectivamente, o município de Barreiras apresentou a taxa de 4,18%. O que demonstra que o processo começado no início dos anos 80 continua, embora não tão grande como antes.

Nos demais municípios do impacto do crescimento da população não foi tão grande como em Barreiras. Embora, em alguns municípios, o processo de expansão das fronteiras agrícolas tenha sido observado. No entanto, os mesmos não foram suficientes para atrair

grande contingentes populacionais.

Outro aspecto interessante do “*boom*” econômico da região foi o processo de urbanização da população. Em 10 anos o grau de urbanização da região passou de 27,60% em 1980, para 44,10% em 1996. Esse fenômeno é uma tendência bastante comum no País nos últimos anos. Porém, o que o torna surpreendente na região é o fato do desenvolvimento econômico do Oeste estar centrado na atividade agrícola e mesmo assim a urbanização se apresentou como tendência. Não só no município de Barreiras, que sempre apresentou grau de urbanização bem superior aos demais municípios da região, e foi o foco de todo o processo de expansão das fronteiras agrícolas, como também foi observado nos demais municípios.

2.5 A INFRA-ESTRUTURA REGIONAL

O grande crescimento da base produtiva, em decorrência do aumento da produção agrícola dos cerrados, causou um grande desequilíbrio entre a oferta e demanda de infra-estrutura econômica e social, que foi agravado pela redução da capacidade governamental de prover a região com os investimentos necessários ao setor.

O suporte às atividades econômicas é baseado no serviço de transporte, energia elétrica, armazenamento e telecomunicações. O desequilíbrio na oferta dessas atividades influencia diretamente no escoamento da produção regional e, conseqüentemente, nos custos de produção. Quanto à estrutura social, onde se destacam os serviços de educação, saúde e saneamento básico, o reflexo do desequilíbrio repercute na péssima qualidade de vida da maioria da população regional.

O transporte rodoviário de cargas e de passageiros é predominante na região, o que limita de certa forma o escoamento da produção. Destacam-se nesse cenário as rodovias:

BR - 242 - É a mais importante para a região, pois faz a ligação do Oeste com a capital do

Estado, servindo de acesso para o porto de Aratu e Salvador. Além de ligar a região a Brasília e ao Centro Oeste do País. Dentro desse aspecto é a principal rodovia para o escoamento da produção regional, passando pelo seu principal centro urbano da região a cidade de Barreiras.

BR - 135 - É outro corredor rodoviário de vital importância para a região, pois faz a ligação entre as cidades de Formosa do Rio Preto, Barreiras, São Desidério e Riachão das Neves, municípios responsáveis pela maior parte da produção de soja da Bahia. Ligando todos esses municípios, com exceção de Barreiras, a BR 242.

BR - 349 - Rodovia que passa pelos municípios de Santa Maria da Vitória e Correntina, o primeiro é a segunda maior cidade da região, sendo que os dois municípios são importantes pólos agrícolas regionais. A estrada faz a conexão com outras rodovias, viabiliza a integração da região com a região Centro-Oeste do País e o litoral do Estado, permitindo a ligação com o porto de Ilhéus e outras rodovias que ligam ao Sul e ao Nordeste do País.

BR 020 - É a rodovia que interliga a cidade de Fortaleza a Brasília, mas ao passar na região faz a ligação entre as BR 242 e BR 349 seguindo paralela a fronteira Oeste do Estado, ligando as áreas produtoras dos povoados de Mimoso do Oeste, Rosário, Balsa, Boré, Diamantina, Roda Velha, Elbas e Novo Paraná.

BA - 172 - Rodovia que faz a ligação entre os municípios de Tabocas do Brejo Velho, Serra Dourada, Santa Maria da Vitória e São Felix do Coribe, Sendo, portanto, uma estrada de vital importância intra-regional.

BA - 825 Constitui-se em um anel rodoviário que interliga a estação experimental da cooperativa COTIA - PRODECER II, ligando todo complexo a BR 242, sendo de grande importância para o escoamento da produção de soja.

Destacam-se ainda os trechos rodoviários intermunicipais e municipais das regiões

produtoras, sendo os mais importantes: São Desidério-Sítio Grande-Estiva e Roda Velha; Cocos-Feira da Mata e Carinhanha; Santa Rita de Cássia Boqueirão e Estreito; Santa Rita de Cássia- Malhada Grande- Mansidão e Estreito.

Dentro desses aspectos, a malha viária do Oeste é bastante expressiva quantitativamente, porém insuficiente para garantir o acesso das regiões produtoras aos mercados fora do local. Não garantindo também uma boa articulação com as áreas produtivas da região. Além das rodovias existem os rios Grande, Corrente e Preto, que podem ser utilizados para o escoamento da produção.

No tocante a energia, a região apresenta elevado déficit no abastecimento. Até 1995 existiam duas hidrelétricas que abasteciam a área. A hidrelétrica de Correntina, com capacidade instalada de 8.000 KW, que se encontra no limite máximo de produção. E a hidrelétrica de Alto das Fêmeas, com capacidade de 10.000 KW, que é responsável pelo suprimento da maior parte dos municípios. No mesmo período, a região possuía 85.547 consumidores, urbanos e rurais, 19 subestações e 1.199 Km de linhas de transmissão. A oferta insuficiente de energia tem levado a alguns consumidores a optarem pela adoção de geradores alternativos para a produção de energia.

Nas telecomunicações, apresenta uma carência na telefonia e na recepção das transmissão de TVs, o que leva a região a possuir uma forte influência das emissoras de São Paulo, Goiás e Minas Gerais. A região possui: 12.772 terminais telefônicos instalados, uma emissora de televisão, 7 emissoras de rádio e 70 postos dos correios.

Quanto à armazenagem, sua capacidade vem crescendo, acompanhando a evolução da produção de soja, sendo o mesmo dimensionado pelas cooperativas e empresas para atender as necessidades locais, não tendo condições de apoiar o processo de escoamento da produção, o que cria a necessidade do produtor vender com rapidez a sua colheita. No geral, a capacidade de armazenamento da região é insuficiente para atender somente à produção de grãos. Em 1997 a capacidade de armazenagem do Oeste era de 2.093.102 toneladas, sendo que 96% desse total são absorvidos nos municípios de Barreiras 67,2%,

São Desidério 14.3%, Correntina 9,4% e Formosa do Rio Preto 5,1%.

A infra-estrutura social também foi abalada pelo rápido crescimento econômico. O abastecimento de água e o esgotamento sanitário são deficientes e defasados. Apesar da região possuir um manancial hídrico privilegiado e ter ampliado a rede de abastecimento de água de várias cidades, mesmo assim ainda é comum a falta de água potável em muitas localidades. Em relação ao esgotamento sanitário, este é praticamente inexistente, principalmente no setor rural.

Os serviços de saúde e educação não acompanharam o crescimento econômico nas áreas urbanas e rurais. Dentro dos aspectos educacionais o intenso processo de urbanização e a chegada dos imigrantes, acirraram o desequilíbrio entre oferta e demanda desse serviço. Além disso, a defasagem curricular e má qualificação dos professores comprometem o ensino. Em 1994 existiam 2.597 estabelecimentos de ensino e 179.283 alunos matriculados no ensino de primeiro grau.

Na saúde a situação é parecida, existe a falta de recursos humanos e de materiais, além disso, o baixo nível de renda e a falta de saneamento básico piora ainda mais o quadro. Os leitos hospitalares se concentram na cidade de Barreiras, que em 1995 possuía 399 leitos no hospital de Barreiras, o que equivalia a 46% dos leitos disponíveis da região que totalizavam 856. A área possui 23 centros de saúde, 50 postos e 24 hospitais. Se for levado em consideração os índices exigidos pela Organização Mundial de Saúde, os números do Oeste representam uma situação bastante precária.

Diante do quadro apresentado fica evidente que o processo de expansão das fronteiras agrícolas no Oeste baiano, ainda não foi convertido em melhorias na qualidade de vida para boa parte da população da região.

3 PROCESSO DE EXPANSÃO DAS FRONTEIRAS AGRÍCOLAS

3.1 A EXPANSÃO DAS FRONTEIRAS NA AGRICULTURA BRASILEIRA

“O desenvolvimento da agricultura brasileira se deu principalmente de uma forma extensiva” (Graziano, 1982, p. 114). Ou seja, o desenvolvimento da agricultura brasileira ocorreu pela incorporação de novas áreas de cultivo e não pelo aumento da produtividade.

“A fronteira, no caso em questão, não é necessariamente uma região distante ou um vazio demográfico a ser conquistado. Mas uma região onde passam a atuar as forças do capital agrícola, visando aumentar a produção.” (ibid, p. 115) À forma como o capital agrícola age nas regiões de fronteiras depende dos tipos de posse de terras existente na área. Se na fronteira existir uma boa quantidade de terras, cujo os proprietários não tenham nenhum título formal de posse, a expansão se dará de forma extensiva pelo aumento da área plantada. Caso a fronteira já esteja com boa parte das suas terras ocupada e regularizadas, o processo de expansão se dará de forma intensiva, ou seja, a expansão ocorrerá pelo aumento da produtividade.

O conceito de terras ocupadas não está ligado ao conceito de terras cultivadas. Dentro desse aspecto a propriedade formal das terras impede o avanço da expansão de fronteira agrícolas de forma extensiva, não permitindo que se instale todo um mercado especulativo em torno das terras, evidentemente esse não foi o caso ocorrido no Oeste baiano.

O processo deflagrado na região Oeste da Bahia, foi um processo de expansão das fronteiras agrícolas de cunho tipicamente extensivo, que proporcionou a formação de grandes proprietários rurais com fins puramente especulativos. Assim, grande partes das propriedades da região foram formalizadas legalmente e a concentração fundiária aumentou. Quando a fronteira se fechou, ou melhor, quando todas as terras foram ocupadas, houve um acirramento das tensões sociais devido à formação de um contingente de pequenos posseiros que foram expulsos de suas terras durante o processo.

O processo de expansão das fronteiras nasce de vários fatores, mas o principal é o aumento da demanda por produtos agrícolas. No caso brasileiro, o crescimento do mercado interno vem apresentando um desempenho significativo desde a década de 60, quando se acelerou o processo de industrialização e urbanização da população brasileira.

O processo de industrialização provocou um aumento da demanda por produtos agrícolas, devido ao aumento da renda individual, além disso, o aumento da produção industrial exigia constantemente o aumento de fornecimento de matérias-primas, que, em muitos casos, são oriundos de produtos agrícolas.

No caso do processo de urbanização da população brasileira, a demanda por produtos agrícolas foi influenciada pela fuga da população rural para as cidades. Essas pessoas trabalhavam no campo produzindo seus próprios alimentos e abastecendo as cidades. À medida que elas deixam o campo e vão para as cidades se tornam consumidoras, aumentando a demanda por produtos agrícolas. Com o campo mais vazio, devido a fuga da população rural para cidades, a concentração fundiária tende a aumentar, já que as pessoas que vão para as cidades normalmente vendem as suas propriedades.

3.2 O PROCESSO DE EXPANSÃO DAS FRONTEIRAS AGRÍCOLAS NA REGIÃO OESTE DA BAHIA

Até meados dos anos 70 a cultura da soja se expandia pelos cerrados, principalmente nos estados de Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais. sendo que nesses estados o plantio ficava limitado à região Sul do Mato Grosso e Goiás, a área do Triângulo Mineiro e Alto Parnaíba em Minas Gerais. O posicionamento geográfico das lavouras de soja nessa regiões se localizava, em sua quase totalidade, ao sul dos paralelos 17° a 18° de Latitude Sul.

Com uma sub-utilização, a região dos cerrados se constituía em uma boa opção para a expansão da cultura da soja, podendo a mesma se expandir para áreas ao Norte. No

entanto, para que isso fosse possível seria necessário levar em consideração uma série de fatores que limitavam essa expansão.

A viabilidade da cultura da soja ao Norte do Paralelo 17° estaria condicionada à superação dos limites de aptidão climáticas e edáficas¹ da soja. Sendo que isso já estava se tornando uma realidade próxima, pois as pesquisas desenvolvidas já começavam a apresentar resultados favoráveis.

O outro limite a ser superado era o limite econômico, ou seja, era necessário que se criassem condições econômicas favoráveis a expansão da soja pelo cerrados brasileiros. Dentro desse aspecto, se encontravam variáveis como: o preço da terra, que nos cerrados era bem mais baixo que nas terras já cultivadas; o custo do transporte da produção, que não se constituía em grande problema, pois o cerrado brasileiro já possuía uma boa estrutura viária; a capacidade empresarial, que seria conseguida aglutinando esforços de empresários do Sudeste do País, de maior capacidade técnica e financeira, apoiados por fortes incentivos governamentais. As transposições desses limites praticamente já estavam garantidas, faltando apenas a existência de um mercado favorável para incentivar a expansão.

No final dos anos 70, o mercado agrícola nacional e internacional se apresentavam bastante favoráveis ao aumento da produção de soja. Aliado a isso, a existência de grande quantidade de terras com preços baixos e os incentivos governamentais baseados nos créditos subsidiados e nos incentivos fiscais, que foram suficientes para iniciar o processo de expansão e modernização das fronteiras agrícolas no Oeste Baiano. Segundo Filho:

Essa onda resulta de dois fatores, de um lado a pressão crescente da terra e do capital sobre os agricultores do Sul do Brasil, do outro, as inovações tecnológicas que adaptaram a soja às condições edafoclimáticas dos cerrados,(...) Mas é resultado sobretudo dos cerrados subsidiados fornecidos pelo governo federal.(Santos Filho, 1989, p 29)

Nessa época a região já possuía uma infra-estrutura que permitia a sua integração

econômica nacional e internacional. Além disso, o baixo preço da terra na região, favorecia a sua aquisição. Nesse contexto os custos de produção se tornavam bastantes atraentes. O investidor conseguia reduzir seu custos em imobilização, e reservando parte do seu capital para suprir as necessidade de financiamento da produção. Os baixos preços da terra também favoreciam a formação de estoques com fins especulativos.

Dessa forma o início do processo da expansão das fronteiras agrícolas do Oeste se caracterizou pela especulação fundiária e pela expansão da produção agrícola com base no plantio de grãos. Esse processo de ocupação se desenrolou distante da Capital do Estado. Sendo, portanto, liderado pelos agricultores que chegavam a região atraídos pelo baixo custo da terra, eram em sua maioria agricultores do Sul e Sudeste do País, que já conheciam técnicas modernas de produção agrícolas e já eram proprietários de terras. Portanto, viam na região a oportunidade de ampliação das suas propriedades e conseqüentemente seus lucros.

Através dos imigrantes foram agregados à produção agrícola o uso de modernas técnicas de produção, baseadas principalmente no aporte de capital. A utilização de insumos para correção do solo, bem como as práticas de irrigação que aos poucos foram se tornando comuns. A mecanização também começou a ganhar destaque na região. Além disso, começaram a se instalar no Oeste cooperativas agrícolas que passaram a monitorar boa parte do processo produtivo.

A introdução das novas técnicas agrícolas, passou a limitar a utilização de mão-de-obra permanente e provocando a redução progressiva na utilização de mão-de-obra sazonal, a medida que o processo de mecanização das lavouras avançava. De certa forma esse processo contribuiu para o crescimento das cidades, pois as oportunidades de trabalho no campo ficaram mais reduzidas.

Todo esse processo era voltado para a produção comercial, sendo centrado na produção de grãos, principalmente milho, arroz e soja. Esta última cultura foi a responsável pela

¹ Pertencente ou relativo ao solo, condições de adaptação ao solo.

integração direta da região à agricultura nacional.

Junto com a soja se instalou toda uma cadeia à jusante e à montante da produção. Para a região se deslocaram fornecedores de corretivos de solo, sementes, defensivos, máquinas e implementos agrícolas e transportadoras. Além disso, da soja é produzido o óleo e o farelo. O primeiro é o principal produto da agro-indústria pertinente à soja e o segundo serve como ração, sendo a base da criação de animais (boi, frangos, porcos) confinados. Assim, a soja se constituía na semente da agro-indústria local, criando as condições para a instalação de indústrias de beneficiamento dos grãos, bem como, o fomento dos rebanhos da região e conseqüentemente a instalação de frigoríficos.

Atualmente a região começa a apresentar sinais de diversificação de culturas. Além de grãos, já estão sendo cultivadas frutas, destacando-se a produção de melancia, mamão, maracujá, laranja e hortaliças, que vem sendo introduzidas através do plantio de tomate, alho e café.

3.3 AS MUDANÇAS NA ESTRUTURA FUNDIÁRIA DO OESTE.

A estrutura agrária brasileira tem se caracterizado, desde a sua formação por um elevado grau de concentração das propriedades da terra. Essa estrutura começou a se formar dentro do processo de colonização portuguesa, que através do regime de Sesmaria (1530 a 1822) permitiu a disseminação da posse da terra sem a formação de um aparato legal. Dessa forma as grandes propriedades se apossavam da maior, e possivelmente melhor, parte do território, restando as pequenas propriedades lutar pelos pequenos pedaços de terra de má qualidade.

Na região Oeste da Bahia, o panorama não poderia ser diferente, porém nas últimas duas décadas, com o processo de expansão das fronteiras agrícolas a concentração fundiária aumentou consideravelmente.

Como já foi dito anteriormente, o processo de expansão das fronteiras agrícolas não possui o sentido estrito da palavra, ou seja, o crescimento da área plantada. Expansão da fronteira agrícola, significa a introdução da agricultura capitalista em determinada região. No início do processo de expansão, a ocupação da terra não é feita com base em seu papel produtivo. Pois o grande capital agrícola também utiliza a terra como reserva de valor, sendo utilizada para dar acesso a outras formas de riqueza a ela associadas.

Portanto, os agricultores capitalistas que migraram para o Oeste da Bahia, no início do processo, não estavam interessados em possuir a terra para produzir, e sim em garantir a posse da terra e poder desfrutar dos ganhos com a valorização através da especulação.

É importante ressaltar que a especulação fundiária, é um aspecto negativo do ponto de vista da produção agrícola, mas não é um mau negócio do ponto de vista do capital financeiro. Para o pequeno produtor pouco importa se sua terra se valoriza, uma vez que seu negócio é produzir. Ao contrário do agricultor capitalista, que ao comprar a terra está sempre em busca do melhor investimento e da valorização do seu capital.

A especulação fundiária ocorrida na região Oeste durante o início do processo de expansão da fronteira agrícola é resultado dos mecanismos descritos anteriormente. A chegada da moderna agricultura na região contribuiu, e muito, para o aumento da concentração fundiária.

Na região do alto Rio Grande, onde se localiza a cidade de Barreiras, o índice de GINI² que mede o grau de concentração fundiária de uma determinada região cresceu de 0,881 em 1975, atingindo 0,918 em 1985. Na região dos Chapadões do Rio Corrente foi observado o mesmo processo, com o índice de GINI crescendo de 0,757 em 1975 para 0,862 em 1985. No mesmo período a concentração fundiária aumentou em todas as regiões da Bahia. A evolução da estrutura fundiária da região Oeste da Bahia pode ser

² O índice de GINI é muito utilizado para avaliar a estrutura fundiária de uma região. Os valores do índice quanto mais próximo de zero determinam uma perfeita igualdade da distribuição fundiária e quanto mais próximo do valor unitário indicam uma concentração máxima

observada nas tabelas 1, 3 e 4.

A tabela 1 mostra a estrutura fundiária existente em 1975 antes do processo de expansão das fronteiras chegar à região. Observa-se que no ano de 1975 a região possuía um baixo nível de ocupação, sendo a área total ocupada de 2.592 mil ha. distribuídas por 17.655 propriedades. A estrutura fundiária já se apresentava concentrada, porém com graus moderados. As propriedades com mais de 1.000 hectares, representavam 2% dos estabelecimentos rurais e ocupavam pouco mais de 51% da área. Os estabelecimentos entre 10 e 100 hectares representavam 79% dos estabelecimentos e cobria 17,83% da área ocupada.

Observa-se também o baixo nível de ocupação apresentados pelos municípios de Barreiras com apenas 106 mil ha. ocupados, Formosa do Rio Preto com 133 mil ha. e São Desidério com 176 mil hectares. O município de Correntina possuía cerca de 104 mil hectares ocupados, apresentando uma estrutura atípica para os padrões fundiários brasileiros. Nele as propriedades com mais de 1.000 ha ocupavam apenas 5,72% da área ocupada no município. Os municípios que apresentavam as maiores áreas ocupadas, eram justamente os mais antigos, Cotegipe com 495 mil hectares ocupados e Santa Rita de Cássia que possuía 315 mil hectares, apresentando, portanto uma estrutura fundiária mais sólida.

Com o processo de expansão das fronteiras agrícolas a estrutura fundiária mudou completamente. A especulação fundiária instalada na região e a chegada das cooperativas causaram uma expansão da área ocupada que em 1985 passou para 6.002 mil ha com um crescimento de 131% em relação a área ocupada em 1975. As cooperativas passaram a ter uma grande representatividade na área ocupada da região, segundo estudo realizado pela CAR, em 1993, dos 3.100.000 hectares agricultáveis dos cerrados baianos, mais de 1/3 pertenciam a cooperativas, conforme os dados contidos na tabela 2.

TABELA 1 - Região Oeste Estrutura Fundiária em 1975

Cidades	10 a 100 ha				100 a 1.000 ha				1.000 a mais Ha				Total			
	Estabelecimento		Área		Estabelecimento		Área		Estabelecimento		Área		Estabelecimento		Área	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Angical	656	85,31	19.484	25,38	93	12,09	17.683	23,04	20	2,60	39.598	51,58	769	100	76.765	100
Baianópolis	523	89,55	15.051	21,71	55	9,42	15.367	22,16	6	1,03	38.921	56,13	584	100	69.339	100
Barreiras	414	72,00	13.948	13,07	137	23,83	39.640	37,13	24	4,17	53.164	49,80	575	100	106.752	100
Canapólis	484	91,67	13.377	65,97	44	8,33	6.899	34,03	-	-	-	-	528	100	20.276	100
Catolândia	205	84,71	6.308	21,20	32	13,22	11.449	38,48	5	2,07	11.994	40,31	242	100	29.751	100
Cocos	776	67,36	31.343	16,89	348	30,21	86.850	46,81	28	2,43	67.327	36,29	1.152	100	185.520	100
Coribe	1.193	76,87	43.749	23,51	344	22,16	70.705	38,00	15	0,97	71.597	38,48	1.552	100	186.051	100
Correntina	1.688	89,26	54.762	52,19	199	10,52	44.158	42,09	4	0,21	6.004	5,72	1.891	100	104.924	100
Cotegipe	927	63,23	40.457	8,16	467	31,86	109.605	22,12	72	4,91	345.537	69,72	1.466	100	495.599	100
Cristópolis	466	87,76	14.017	30,91	61	11,49	13.809	30,45	4	0,75	17.519	38,63	531	100	45.345	100
Formosa do Rio Preto	227	52,06	8.943	6,68	185	42,43	64.570	48,20	24	5,50	60.445	45,12	436	100	133.958	100
Jaborandi*	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Mansidão*	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Riachão das Neves	648	73,30	13.856	6,84	193	21,83	61.992	30,59	43	4,86	126.821	62,58	884	100	202.669	100
Santa Maria da Vitória	1.783	87,32	44.902	35,90	246	12,05	56.979	45,56	13	0,64	23.192	18,54	2.042	100	125.073	100
Santa Rita de Cassia	1.118	75,90	33.695	10,68	305	20,71	69.455	22,02	50	3,39	212.236	67,29	1.473	100	315.386	100
Santana	792	76,45	25.651	16,98	221	21,33	64.153	42,48	23	2,22	61.223	40,54	1.036	100	151.027	100
São Desidério	480	87,11	15.073	8,56	61	11,07	16.780	9,53	10	1,81	144.244	81,91	551	100	176.097	100
São Felix do Coribe*	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Serra Dourada	1.048	80,00	37.120	27,90	244	18,63	52.162	39,21	18	1,37	43.755	32,89	1.310	100	133.037	100
Tabocas do Brejo Velho	565	89,26	17.456	50,17	66	10,43	15.007	43,13	2	0,32	2.329	6,69	633	100	34.792	100
Wanderley*	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	13.993	79,26	449.192	17,33	3.301	18,70	817.263	31,53	361	2,04	1.325.906	51,15	17.655	100	2.592.361	100

Fonte: IBGE Censo Agropecuário 1975

(*) Municípios emancipados após 1985

TABELA 2 - Principais cooperativas instaladas na Região Oeste até 1993

Nome	Área em Ha.	Sócios	Área Média
COTIA	425.000	165	2.576
COACERAL	314.000	50	6.280
COPERGEL	220.000	500	440
COPERMOSA	87.000	193	451
SANTA ROSA	30.000	ND	ND
COMESF	3.000	310	10
COPERIOGRANDE	ND	341	ND
COARC	ND	ND	ND

Fonte: CAR, Trabalho de Campo - 1993

Na tabela 03 encontram-se os dados relativos a estrutura fundiária de 1985. Nela é possível perceber os efeitos causados na estrutura fundiária da região pelo processo de expansão das fronteiras agrícolas. Além do aumento da área ocupada, anteriormente citado, pode se observar o aumento da quantidade de propriedades que teve um incremento de 129% em relação a 1975, esse crescimento se deu basicamente nas propriedades de 10 a 100 ha. que cresceu 150% passando a contar com 35.113 estabelecimentos.

Os estabelecimentos com mais de 1.000 hectares também dobraram em número, crescendo 117% em relação a 1975. As propriedades com tamanho entre 100 e 1.000 ha cresceram apenas 37,9% passando a possuir 4.553 estabelecimentos.

Apesar do incremento no número de estabelecimentos na faixa de 10 a 100 hectares, não houve uma democratização do uso da terra, ocorrendo uma reconcentração da mesma. As propriedades com mais de 1.000 ha passaram a ocupar 70,43% da área, aumentando consideravelmente a sua participação. Enquanto isso as propriedades com 10 a 100 ha e as propriedades com 100 a 1.000 ha tiveram suas participações reduzidas, as primeiras passaram a representar 10,58% da área ocupada, quando em 1975 representavam cerca de 17%; enquanto as segundas passaram a representar 19%, sendo que em 1975 representavam 31,5 % da área ocupada.

Em todos os municípios houve um aumento considerável da área ocupada, sendo destaque as cidades de Formosa do Rio Preto onde a área ocupada cresceu cerca de 730% em relação aos dados colhidos em 1975 passando a ter 1.112.870 ha ocupados, o que era correspondente a cerca de 18,5% da área ocupada na região. O município de Barreiras teve um incremento na ocupação da área de 371,5% em relação a 1975, São Desidério com 333% e Correntina 485% são os outros municípios que também merecem destaque no crescimento da ocupação. No município de Correntina, onde em 1975, as propriedades com mais de 1.000 ha representavam cerca de 5% da área ocupada, houve uma mudança tão profunda que as propriedades com mais de 1.000 hectares passaram a representar 80% da área ocupada em 1985.

Nos dados colhidos em 1996 (tabela 04) não se apresenta a tendência crescente da área ocupada, porém a tendência à concentração permanece pela redução do número de estabelecimentos 10 a 100 ha e 100 a 1.000 ha e pelo aumento dos estabelecimentos com mais de 1.000 há. Nesse período os estabelecimentos com mais de 1.000 ha passaram a representar 71% da área.

A análise acima permite deduzir, que a especulação fundiária no Oeste baiano encontrou as condições para seu fomento na existência de grandes quantidade de terras devolutas ou sem propriedade declarada. Esse processo teria sido intenso no início dos anos 80, ocorrendo em duas vertentes. A primeira vertente centrou a sua ocupação nas pequenas propriedades de terra, sendo formadas por pequenos posseiros. A segunda concentrou o seu poder na formação de grandes propriedades que transformaram toda a estrutura fundiária da região. Com o fim do processo especulativo a concentração fundiária continuou, não com base em expansão da ocupação, mas por uma espécie de processo de "*fagocitose*", no qual as grandes propriedades passaram a adquirir as pequenas.

TABELA 3 - Região Oeste - Estrutura Fundiária em 1985

Cidades	10 a 100 ha				100 a 1.000 ha				1.000 a mais Ha				Total			
	Estabelecimento		Área		Estabelecimento		Área		Estabelecimento		Área		Estabelecimento		Área	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Angical	1.804	90,70	24.674	13,98	170	8,55	35.438	20,07	15,00	0,75	116.443	65,95	1.989	100	176.555	100
Baianópolis	1.207	89,21	22.481	19,09	131	9,68	33.200	28,19	15,00	1,11	62.095	52,72	1.353	100	117.776	100
Barreiras	586	60,35	18.330	3,64	260	26,78	91.272	18,13	125,00	12,87	393.766	78,23	971	100	503.368	100
Canapólis	1.468	95,26	25.765	65,90	73	4,74	13.331	34,10	-	-	-	-	1.541	100	39.096	100
Catolândia	594	86,84	9.403	37,22	83	12,13	2.956	11,70	7,00	1,02	12.901	51,07	684	100	25.260	100
Cocos	1.615	81,03	41.986	11,03	338	16,96	82.263	21,61	40,00	2,01	256.396	67,36	1.993	100	380.645	100
Coribe	1.773	79,36	53.629	20,53	427	19,11	103.381	39,58	34,00	1,52	104.182	39,89	2.234	100	261.192	100
Correntina	3.780	94,22	79.609	12,97	208	5,18	40.332	6,57	24,00	0,60	493.831	80,46	4.012	100	613.772	100
Cotegipe	1.337	69,45	39.828	6,39	482	25,04	126.654	20,34	106,00	5,51	456.334	73,27	1.925	100	622.816	100
Cristópolis	1.480	93,26	20.623	32,02	100	6,30	23.802	36,96	7,00	0,44	19.979	31,02	1.587	100	64.404	100
Formosa do Rio Preto	1.257	76,93	17.879	1,61	267	16,34	80.762	7,26	110,00	6,73	1.014.229	91,14	1.634	100	1.112.870	100
Jaborandi*	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Mansidão*	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Riachão das Neves	1.980	87,92	24.271	9,54	222	9,86	57.858	22,74	50,00	2,22	172.276	67,72	2.252	100	254.405	100
Santa Maria da Vitória	3.063	89,93	58.139	28,23	317	9,31	73.480	35,69	26,00	0,76	74.293	36,08	3.406	100	205.912	100
Santa Rita de Cassia	2.842	79,97	68.755	14,85	649	18,26	153.417	33,14	63,00	1,77	240.800	52,01	3.554	100	462.972	100
Santana	2.724	90,08	36.073	21,03	273	9,03	72.866	42,48	27,00	0,89	62.589	36,49	3.024	100	171.528	100
São Desidério	2.829	89,84	26.314	3,45	214	6,80	69.880	9,16	106,00	3,37	667.082	87,40	3.149	100	763.276	100
São Felix do Coribe*	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Serra Dourada	2.684	91,60	39.889	25,39	228	7,78	53.404	34,00	18,00	0,61	63.790	40,61	2.930	100	157.083	100
Tabocas do Brejo Velho	2.090	94,48	27.174	38,90	111	5,02	26.200	37,50	11,00	0,50	16.486	23,60	2.212	100	69.860	100
Wanderley*	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	35.113	86,81	634.822	10,58	4.553	11,26	1.140.496	19,00	784,00	1,94	4.227.472	70,43	40.450	100	6.002.790	100

Fonte: IBGE Censo Agropecuário 1985

(*) Municípios emancipados após 1985

TABELA 4 - Região Oeste - Estrutura Fundiária em 1996

Cidades	10 a 100 ha				100 a 1.000 ha				1.000 a mais Ha				Total			
	Estabelecimento		Área		Estabelecimento		Área		Estabelecimento		Área		Estabelecimento		Área	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Angical	924	90,41	32.149	48,28	90	8,81	22.142	33,25	8	0,78	12.298	18,47	1.022	100	66.589	100
Baianópolis	556	79,66	16.153	8,83	113	16,19	32.358	17,69	29	4,15	134.425	73,48	698	100	182.936	100
Barreiras	661	54,67	19.017	3,27	344	28,45	124.144	21,33	204	16,87	438.830	75,40	1.209	100	581.991	100
Canapólis	721	91,85	20.980	56,54	63	8,03	10.024	27,02	1	0,13	6.100	16,44	785	100	37.104	100
Catolândia	243	78,90	7.474	22,96	60	19,48	15.069	46,29	5	1,62	10.008	30,75	308	100	32.551	100
Cocos	1.096	76,97	39.920	16,06	303	21,28	69.229	27,85	25	1,76	139.460	56,10	1.424	100	248.608	100
Coribe	1.225	82,94	44.434	32,62	238	16,11	56.971	41,83	14	0,95	34.792	25,55	1.477	100	136.197	100
Correntina	1.655	90,88	45.611	8,30	92	5,05	19.271	3,51	74	4,06	484.680	88,19	1.821	100	549.562	100
Cotegipe	535	70,67	19.979	9,42	179	23,65	48.241	22,75	43	5,68	143.846	67,83	757	100	212.066	100
Cristópolis	626	86,94	17.762	27,53	82	11,39	19.414	30,09	12	1,67	27.339	42,38	720	100	64.515	100
Formosa do Rio Preto	348	46,28	13.521	1,69	303	40,29	94.827	11,85	101	13,43	691.615	86,46	752	100	799.963	100
Jaborandi*	1.073	83,83	29.713	7,54	150	11,72	39.893	10,12	57	4,45	324.615	82,34	1.280	100	394.221	100
Mansidão*	678	85,39	18.407	13,08	105	13,22	22.334	15,87	11	1,39	99.982	71,05	794	100	140.723	100
Riachão das Neves	577	68,85	36.565	13,23	204	24,34	58.573	21,19	57	6,80	181.319	65,59	838	100	276.457	100
Santa Maria da Vitória	1.410	85,56	44.987	37,57	228	13,83	46.747	39,04	10	0,61	28.000	23,39	1.648	100	119.734	100
Santa Rita de Cassia	993	69,10	31.828	10,35	408	28,39	104.155	33,87	36	2,51	171.506	55,78	1.437	100	307.489	100
Santana	703	78,20	23.265	20,50	180	20,02	49.582	43,69	16	1,78	40.641	35,81	899	100	113.489	100
São Desidério	429	55,21	13.540	1,75	165	21,24	57.873	7,47	183	23,55	702.809	90,78	777	100	774.222	100
São Felix do Coribe*	537	73,36	20.101	14,19	167	22,81	42.410	29,95	28	3,83	79.101	55,86	732	100	141.611	100
Serra Dourada	1.053	85,47	32.985	29,37	167	13,56	39.590	35,25	12	0,97	39.743	35,38	1.232	100	112.318	100
Tabocas do Brejo Velho	676	87,34	19.132	29,53	92	11,89	21.313	32,90	6	0,78	24.344	37,57	774	100	64.788	100
Wanderley*	594	68,20	24.156	9,44	228	26,18	61.265	23,93	49	5,63	170.576	66,63	871	100	255.998	100
Total	17.313	77,79	571.680	10,18	3.961	17,80	1.055.425	18,80	981	4,41	3.986.027	71,01	22.255	100	5.613.132	100

Fonte: IBGE Censo Agropecuário 1996

(*) Municípios emancipados após 1985

3.3.1 A distribuição espacial da pecuária

Para analisar o rebanho da região centramos os estudos nas três principais criações da região que são a suinocultura, a avicultura e a pecuária bovina (Tabela - 05). Essas criações foram escolhidas também por que se encaixam a jusante do complexo de grãos da região, a qual possui um grande potencial para a produção de ração animal com base no farelo de soja, criando condições para a implantação da pecuária intensiva.

TABELA 5 - Região Oeste - Rebanho das principais criações, por Município e participação na região e no Estado.

Municípios	Bovinos	% da Reg	% do est.	Suínos	% da Reg	% do est.	Aves	% da Reg	% do est.
Angical	36.981	4,06	0,42	3.015	2,77	0,25	38.253	2,91	0,21
Baianapolis	26.030	2,86	0,30	3.787	3,48	0,31	39.502	3,01	0,22
Barreiras	65.176	7,16	0,75	10.007	9,19	0,83	404.357	30,79	2,21
Canápolis	15.831	1,74	0,18	1.830	1,68	0,15	23.048	1,75	0,13
Catolândia	8.468	0,93	0,10	1.366	1,25	0,11	17.240	1,31	0,09
Cocos	46.804	5,14	0,54	2.557	2,35	0,21	47.653	3,63	0,26
Coribe	72.087	7,92	0,83	3.591	3,30	0,30	43.677	3,33	0,24
Correntina	70.434	7,74	0,81	7.782	7,15	0,64	86.670	6,60	0,47
Cotegipe	54.555	6,00	0,62	10.087	9,26	0,83	24.175	1,84	0,13
Cristópolis	18.046	1,98	0,21	3.038	2,79	0,25	37.470	2,85	0,21
Formosa do Rio Preto	36.349	4,00	0,42	5.865	5,39	0,48	38.701	2,95	0,21
Jaborandi	40.370	4,44	0,46	3.898	3,58	0,32	46.225	3,52	0,25
Mansidão	15.077	1,66	0,17	7.287	6,69	0,60	25.514	1,94	0,14
Riachão das Neves	56.781	6,24	0,65	4.182	3,84	0,35	43.571	3,32	0,24
Santa Maria da Vitória	44.927	4,94	0,51	6.103	5,60	0,50	84.733	6,45	0,46
Santa Rita de Cassia	40.320	4,43	0,46	6.181	5,68	0,51	53.862	4,10	0,29
Santana	38.237	4,20	0,44	4.097	3,76	0,34	45.139	3,44	0,25
São Desidério	44.323	4,87	0,51	8.735	8,02	0,72	60.452	4,60	0,33
São Felix do Coribe	56.411	6,20	0,65	1.651	1,52	0,14	15.556	1,18	0,09
Serra Dourada	42.467	4,67	0,49	6.424	5,90	0,53	61.669	4,70	0,34
Tabocas do Brejo Velho	16.460	1,81	0,19	3.728	3,42	0,31	38.653	2,94	0,21
Wanderley	63.727	7,00	0,73	3.693	3,39	0,30	37.362	2,84	0,20
Região Oeste	909.861	100,00	10,42	108.904	100,00	8,99	1.313.482	100,00	7,19
Estado da Bahia	8.729.953		100,00	1.211.160		100,00	18.269.066		100,00

Fonte: IBGE, Censo agropecuário de 1996.

Em 1996 a região possuía 909.861 cabeças bovinas, o que representava 10,42% do rebanho bovino do Estado. Esse número é bastante expressivo quando comparado aos 89,58% restante do rebanho estadual que se distribui pelas outras 14 regiões econômicas que compõem o Estado. Porém, se considerarmos que a região Oeste responde por cerca de 20% do território baiano, seu rebanho poderia ser considerado um pouco abaixo do potencial

que a mesma possui. Mesmo assim pode ser considerada como uma criação predominantemente comercial.

Dentro da região o rebanho bovino se distribui homogeneamente, não havendo polarizações expressivas. Essa distribuição é fruto do processo de criação extensiva, que necessita de grandes extensões de terras para ser utilizada como pasto. Talvez se o criação intensiva com o gado confinado fosse um pouco mais difundida, já haveria notadamente pólos com rebanhos mais destacados.

O maior rebanho se encontra no município de Coribe, que detém 7,92% das cabeças da região, sendo 72.087 animais em números absolutos. Outros municípios se aproximam bastante desse número, Correntina 7,74% do rebanho regional, Barreiras 7,14% e Wanderley com 7,0%. Os municípios com a menor participação no rebanho regional são Catolândia, Mansidão, Canápolis e Tabocas do Brejo Velho. Seus rebanhos somados correspondem a 6,21% do rebanho total. O menor rebanho é o do município de Catolândia com 8.468 animais. Os quatorze municípios restantes possuem um rebanho bem distribuído e juntos respondem por cerca de 64% do total.

A criação de porcos também é bastante difundida, mas não tão homogênea como a criação bovina. Notadamente é uma criação que não tem ainda uma escala comercial generalizada, mas já possui dois municípios que polarizam os rebanhos respondendo por cerca de 18,5% dos suínos da região. São os municípios de Correntina, que possui o maior rebanho, e Barreiras. O menor rebanho está localizado mais uma vez em Catolândia que possui apenas 1.366 animais.

Rebanho suíno corresponde a apenas 9% dos animais do Estado, Como a criação de porcos nunca foi muito tradicional na Bahia, tanto que o rebanho estadual fica em torno de 110 mil animais pelo ultimo censo agropecuário, o que demonstra antecipadamente, que nessa área, como em todo o Estado da Bahia, ainda há muito a progredir.

A criação de aves foi a única que se mostrou bastante concentrada, sendo significativo o rebanho do município de Barreiras que detém 30,7% dos animais, sendo que a região possui 7% do rebanho do Estado. Os outros municípios têm rebanhos inexpressivos ao

apresentado por Barreiras, podendo se destacar o município de Correntina com 6,60% do rebanho regional. Além disso, o município de Barreiras consegue destaque estadual na criação de aves possuindo 2,21% do rebanho baiano.

No caso das aves a criação só possui uma escala comercial em Barreiras e mesmo assim é uma escala limitada ao mercado local. Nos demais municípios a criação é preponderantemente de subsistência, o que demonstra que nesse setor ainda pode se conseguir um grande crescimento, basta que se multipliquem os esforços para a instalação de um frigorífico especializado.

No âmbito geral, os três rebanhos analisados demonstram, que apesar de possuir uma grande capacidade de produção de ração animal, a região ainda não conseguiu desenvolver condições suficientes para a ampliação dos rebanhos. Portanto, dentro do processo de expansão das fronteiras agrícolas do Oeste baiano ainda existe uma cadeia de produção que está sendo sub-explorada. No entanto, é preciso ressaltar que, mesmo assim, os rebanhos do Oeste, apesar de não possuir uma escala predominantemente comercial, são relevantes a nível estadual.

3.3.2 A distribuição da agricultura regional.

A produção agrícola da região possui sua base em dois segmentos. O primeiro segmento é composto pelos grandes proprietários de terras, pelas cooperativas e pelas empresas agro-industriais. Esse segmento é responsável por boa parte da produção, produzindo com uma escala comercial que visa atender ao mercado nacional e internacional. Seu processo se baseia em modernas técnicas de agricultura com altos padrões de mecanização.

O outro segmento é formado pelos pequenos proprietários rurais, que geralmente são descapitalizados e praticam a agricultura familiar visando abastecer o mercado local. Os custos desses produtores são geralmente muito baixos, já que não existe uma relação de trabalho assalariado e não são utilizados insumos e fertilizantes agrícolas na produção. Porém já começa a se disseminar na região a figura do produtor familiar moderno,

integrado socialmente ao mercado combinando a mão-de-obra familiar com o trabalho assalariado, utilizando máquinas, equipamentos e serviços técnicos, o que torna a sua produção bastante competitiva, atuando geralmente na produção de soja e de frutas.

A produção de grãos do Oeste Baiano se concentra basicamente nos cerrados, onde predominam o cultivo de arroz, feijão, milho e soja, sendo que esta última é a responsável pela integração da região à dinâmica comercial do Centro-Oeste brasileiro, articulando-se com a rede de distribuição de produtos, bens de capital e insumos, estabelecendo relações de produção em bases capitalistas, criando em torno de si todo um fluxo migratório.

A produção de grãos nos cerrados baianos vem passando por grandes transformações quantitativas e qualitativas, vem expandido a área plantada e incorporando uma nova base técnica. A cultura da soja, por exemplo, teve sua área plantada de 63 mil hectares em 1984 para 415 ha em 1994, sua produtividade no mesmo período saltou de 1.200 kg/ha para 2.048 kg/ha. A cultura do milho no mesmo período teve sua área plantada reduzida de 80.311 ha em 1984 para 63.000 ha em 1994, no entanto no período analisado a produtividade do milho cresceu de 915 kg/ha em 1984, para 4.200 kg/ha 1994.

Com uma produtividade crescente, a lavoura granífera ficou mais competitiva, criando uma nova dinâmica no espaço regional com padrões de capitalização, que exigia a formação de fundos próprios ou de financiamentos para garantir a especialização produtiva. Assim a participação da iniciativa privada dentro do processo de modernização agrícola passou a ser preponderante, principalmente na agricultura irrigada onde foram instaladas 376 pivôs centrais beneficiando cerca de 50.000 hectares.

Segundo o censo agropecuário do IBGE realizado em 1996, a produção de grãos (soja, arroz, milho e feijão) da região Oeste foi de 1.303.512 toneladas, o que representava 76,71% da produção de grãos do Estado, Há de se levar em consideração, que o ano em que foi realizado o censo, a produção agrícola do Estado da Bahia foi bastante atípica, ficando abaixo das produção dos anos anteriores, mesmo assim os dados colhidos servem para mostrar a forma que a produção se distribui dentro da região e sua importância em relação ao Estado, conforme observado na tabela 06.

TABELA 6 - Produção de grãos na região Oeste por município em relação a região e ao estado no ano de 1996

Municípios	Arroz	% na reg.	% no Est.	Soja	% na reg.	% no Est.	Milho	% na reg.	% no Est.	Feijão	% na reg.	% no Est.	Total	% na reg.	% no Est.
Angical	113	0,20	0,19	3	0,00	0,00	849	0,19	0,14	188	0,40	0,07	1.153	0,09	0,07
Baianópolis	1.081	1,96	1,84	9.108	1,20	1,20	2.290	0,52	0,37	468	0,99	0,18	12.947	0,99	0,76
Barreiras	16.741	30,31	28,55	296.194	38,96	38,96	120.278	27,29	19,60	13.778	29,14	5,16	446.991	34,29	26,30
Canápolis	10	0,02	0,02	-	0,00	0,00	276	0,06	0,04	96	0,20	0,04	382	0,03	0,02
Catolândia	108	0,20	0,18	97	0,01	0,01	312	0,07	0,05	59	0,12	0,02	576	0,04	0,03
Cocos	764	1,38	1,30	-	0,00	0,00	1.546	0,35	0,25	686	1,45	0,26	2.996	0,23	0,18
Coribe	109	0,20	0,19	-	0,00	0,00	1.035	0,23	0,17	498	1,05	0,19	1.642	0,13	0,10
Correntina	4.765	8,63	8,13	57.875	7,61	7,61	49.614	11,26	8,09	2.263	4,79	0,85	114.517	8,79	6,74
Cotegipe	55	0,10	0,09	-	0,00	0,00	3.077	0,70	0,50	74	0,16	0,03	3.206	0,25	0,19
Cristópolis	57	0,10	0,10	390	0,05	0,05	1.287	0,29	0,21	365	0,77	0,14	2.099	0,16	0,12
Formosa do R. Preto	9.263	16,77	15,80	137.378	18,07	18,07	29.698	6,74	4,84	301	0,64	0,11	176.640	13,55	10,39
Jaborandi	749	1,36	1,28	8.742	1,15	1,15	14.156	3,21	2,31	1.973	4,17	0,74	25.620	1,97	1,51
Mansidão	170	0,31	0,29	-	0,00	0,00	796	0,18	0,13	245	0,52	0,09	1.211	0,09	0,07
Riachão das Neves	615	1,11	1,05	24.059	3,16	3,16	13.560	3,08	2,21	570	1,21	0,21	38.804	2,98	2,28
Santa Maria da Vitória	298	0,54	0,51	-	0,00	0,00	1.668	0,38	0,27	428	0,91	0,16	2.394	0,18	0,14
Santa Rita de Cassia	540	0,98	0,92	2	0,00	0,00	1.161	0,26	0,19	322	0,68	0,12	2.025	0,16	0,12
Santana	32	0,06	0,05	-	0,00	0,00	11.860	2,69	1,93	7.834	16,57	2,94	19.726	1,51	1,16
São Desidério	19.700	35,66	33,59	226.317	29,77	29,77	180.345	40,91	29,39	15.889	33,61	5,95	442.251	33,93	26,03
São Felix do Coribe	15	0,03	0,03	-	0,00	0,00	1.912	0,43	0,31	700	1,48	0,26	2.627	0,20	0,15
Serra Dourada	11	0,02	0,02	-	0,00	0,00	1.317	0,30	0,21	131	0,28	0,05	1.459	0,11	0,09
Tabocas do B. Velho	36	0,07	0,06	1	0,00	0,00	960	0,22	0,16	207	0,44	0,08	1.204	0,09	0,07
Wanderley	6	0,01	0,01	18	0,00	0,00	2.817	0,64	0,46	201	0,43	0,08	3.042	0,23	0,18
Região Oeste	55.238	100,00	94,20	760.184	100,00	100,00	440.814	100,00	71,84	47.276	100,00	17,71	1.303.512	100,00	76,71
Estado da Bahia	58.640		100,00	760.165		100,00	613.620		100,00	266.898		100,00	1.699.323		100,00

Fonte: IBGE Censo Agropecuário de 1996

Produção em Toneladas

A região Oeste é responsável por toda a produção de soja do Estado, que em 1996 ficou em torno de 760.184 toneladas. A soja já é produzida em treze municípios, sendo que a maior produção se encontra em Barreiras, que é responsável por cerca de 39% da soja produzida na região. Os municípios de São Desidério e Formosa do Rio Preto também se destacam como grande produtor respondendo por 29,7% e 18% da soja produzida, respectivamente.

O milho é o segundo cereal mais cultivado, estando sua cultura presente em todos os municípios assim como a cultura do arroz e do feijão, sendo a produção da mesmo em torno de 440.814 toneladas, o que equivale a 71,84% da produção do Estado. No caso do milho mais uma vez a produção é polarizada nos municípios de Barreiras e São Desidério, sendo que o último é responsável por 40,9% da produção, e o primeiro possui 27%. Também merece destaque a produção dos município de Correntina com 11,26% da produção de milho.

O Oeste baiano produz 94,19% do arroz produzido pelo Estado, destacando-se, mais uma vez, as produções dos municípios de Barreiras, com 30,31% da produção, e São Desidério com 35,66%. O município de Formosa do Rio Preto é o terceiro maior produtor, com uma produção de 9.263 toneladas, equivalente a 16,77% da produção de arroz. Na produção de feijão a polarização se repete, sendo que, os município de Barreiras e São Desidério respondem juntos por cerca de 62,75% da produção de feijão.

A Produção de grãos dos municípios de Barreiras, São Desidério e Formosa do Rio Preto, juntas respondem por 62,72% da produção de grãos (milho, soja, feijão e arroz) do Estado. Principalmente nos municípios de Barreiras e São Desidério que juntos respondem por 52,33% da produção estadual e 68% da produção de grãos do Oeste.

A fruticultura começa também a aparecer como alternativa agrícola, principalmente as culturas de melancia, na qual a região detém 19,43% da produção estadual, sendo os municípios de Barreiras, Cotegipe e Formosa do Rio Preto seus principais produtores. A região ainda se destaca na produção de alho, com 24,80% da produção do Estado; algodão em caroço, com 12,65% da produção baiana e abóbora com 16,41% da produção estadual.

Além disso já começa a ser introduzido a cultura do café, precisamente no município de São Desidério e Barreiras, onde se vem obtendo boa produtividade.

3.3.3 A nova agricultura e a agro-industria

O desenvolvimento da agro-industria na região é recente, sendo a sua instalação diretamente ligada à cultura de grãos, principalmente da soja. A localização dos empreendimentos concentra-se nos municípios de Barreiras e São Desidério que são os maiores produtores de grãos.

Estão instaladas unidades de compra e beneficiamento da soja, ligadas a grandes grupos econômicos, destacando-se a CEVAL com uma capacidade de processamento de 450 mil toneladas ano, concentrando sua produção no esmagamento de soja e produção de óleo bruto e óleo refinado, cuja a capacidade de produção estava em torno de 62 mil toneladas de óleo no ano em 1992. Naquele mesmo ano foram produzidas 280 mil toneladas de farelo. Também operam na região a OLVEBRASA, com capacidade de esmagamento de 270 mil toneladas de soja por ano e a industria ICOSA - Indústria Coelho S/A com capacidade de esmagamento de 300 mil toneladas de soja ao ano.

Na região se instalou também um frigorífico para abate, desossamento, resfriamento e congelamento, charqueamento, salga de couros, produção de farinha de carne, osso, sangue e cebo industrial. Em 1992 se abateu 64.477 mil cabeças, tendo o número de abates aumentado para 138.040 cabeças no ano de 1993. No mesmo período chegou-se a processar 30 toneladas de carne "*Kosher*", um tipo de carne que passa por um tratamento especial e era destinada a exportação. Atualmente vem sendo noticiado que essa atividade no Oeste vem atravessando por dificuldades financeiras.

Existe ainda o beneficiamento do arroz feito pela COPERGEL em Roda Velha, São Desidério e a fabricação de latas para óleo de soja em Barreiras.

Durante a década de 80 houve um vertiginoso crescimento no número de indústrias na região. Em 1983 havia 59 estabelecimentos industriais, passando a ter 277 em 1992.

3.3.4 O desenvolvimento do comércio e dos serviços

A introdução da agricultura moderna no Oeste propiciou o crescimento dos estabelecimentos comerciais. O aspecto mais importante do incremento comercial foi a mudança do centro comercial da região da cidade de Santa Maria da Vitória para a cidade de Barreiras, que indiscutivelmente foi o município mais impactado pelo processo de expansão da fronteira no Oeste Baiano. Em 1992, Barreiras já possuía 35% dos estabelecimentos comerciais da região o que já apontava uma polarização do processo nesse município.

O destaque do crescimento comercial foi o setor atacadista que teve um aumento de 309% no número de estabelecimentos no período de 1983 a 1992. Já o comércio varejista cresceu 215% no número de estabelecimentos no mesmo período.

Na prestação de serviços, o comportamento foi idêntico ao do comércio, mais uma vez, Barreiras concentrou boa parte dos novos estabelecimentos que surgiram principalmente nos serviços de alojamento e alimentação.

Apesar dos efeitos da concentração fundiária e da produção agropecuária terem sido mais difundidos pelo Oeste, o processo de expansão das fronteiras agrícolas levou a uma concentração das atividades econômicas tipicamente urbanas no município de Barreiras, em detrimento dos demais municípios. Assim a cidade de Barreiras se consolidou como pólo urbano e econômico, restando aos demais municípios, se incorporar ao processo apenas como áreas agrícolas.

4 CRESCIMENTO POPULACIONAL, URBANIZAÇÃO E A NOVA FACE DA OCUPAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA NO OESTE

4.1 O CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO A PARTIR DE 1980

Na década de oitenta a região Oeste da Bahia apresentou um ganho populacional por imigração, suas taxas eram razão direta da expansão das fronteiras agrícolas que ocorria principalmente em Barreiras. Nesse período, 10 municípios - Angical, Baianópolis, Barreiras, Cristópolis, Formosa do Rio Preto, Jaborandi, Santa Rita de Cássia, São Desidério, São Félix do Coribe e Serra Dourada, apresentaram ganhos populacionais por imigração. Desses dez municípios seis apresentaram taxas de crescimento populacional acima da taxa apresentada pelo Oeste. Foram eles: Angical, Baianópolis, Jaborandi, Santa Rita de Cássia, São Félix do Coribe e Barreiras. Houve ainda a emancipação dos municípios de Mansidão, Jaborandi, São Félix do Coribe e Wanderley, o que influenciou bastante nas taxas apresentadas por alguns municípios.

TABELA 7 - Taxas de crescimento médio anual da população dos municípios urbana e rural

Municípios	TOTAL		URBANA		RURAL	
	1980/1991	1991/1996	1980/1991	1991/1996	1980/1991	1991/1996
Angical	2,79	-2,16	7,13	-1,02	1,81	-2,52
Baianópolis	3,39	1,94	5,65	3,00	3,00	-3,05
Barreiras	7,58	4,18	8,11	4,30	6,05	3,81
Canapólis	0,03	0,88	0,42	6,16	-0,05	-0,38
Catolândia	0,29	-0,88	6,99	2,04	-1,10	-1,91
Cocos	0,14	1,39	2,81	2,89	-0,83	0,68
Coribe	-2,14	2,00	6,71	2,25	-4,55	1,87
Correntina	0,65	1,18	6,26	2,74	-1,01	0,46
Cotegipe	0,84	-0,16	3,44	0,33	-0,59	-0,50
Cristópolis	2,18	0,36	2,47	3,11	2,12	-0,27
Formosa do Rio Preto	2,39	0,83	4,08	0,58	1,56	0,97
Jaborandi	2,72	-2,61	0,00	0,62	1,27	-3,20
Mansidão	1,70	1,05	3,75	2,32	1,32	0,76
Riachão das Neves	0,95	0,94	3,71	1,09	-0,77	0,82
Santa Maria da Vitória	1,80	0,27	4,04	1,20	0,04	-0,70
Santa Rita de Cássia	2,45	-0,34	6,87	0,93	-0,05	-1,46
São Desidério	2,21	-0,30	5,18	3,85	1,23	-2,23
São Felix do Coribe	7,23	0,62	5,27	3,47	10,71	-3,68
Satana	0,07	-0,67	2,31	1,13	-1,52	-2,37
Serra Dourada	2,01	1,50	6,41	4,85	0,97	0,33
Tabocas do Brejo Velho	0,51	0,80	3,90	1,95	-0,35	0,42
Wanderley	1,83	-0,52	4,57	1,00	0,68	-1,37
Total da Região	2,44	1,09	5,74	2,78	0,56	

Fonte: IBGE Censo Demográfico 1980 e 1991, e Contagem Populacional de 1996

No entanto, na década de noventa, o crescimento populacional começa a mostrar sinais de desaquecimento, voltando a região a apresentar taxas que seguem a tendência da população do Estado e do País.

Entre 1980 e 1991 a população cresceu a uma taxa anual de 2,44%. Essa taxa estava acima da taxa apresentada pelo Estado que era de 2,09% e pelo País 1,94% ao ano, durante o mesmo período. Os municípios que apresentaram as maiores taxas foram: Barreiras, o maior centro urbano da região, com 7,58%, seguido de São Félix do Coribe 7,23%, Baianópolis 3,39%, Angical 2,79% e Jaborandi com 2,72%. Ressaltando que os municípios de São Félix do Coribe e Jaborandi foram emancipados em 1989 e 1985 respectivamente, tendo esse acontecimento um grande reflexo sobre suas taxas de crescimento. Além disso, essas emancipações proporcionaram reflexos também nas taxas de crescimento apresentadas pelos municípios de Santa Maria da Vitória e Coribe dos quais foi desmembrado a área que originou o município de São Félix do Coribe. E, no município de Correntina, o desmembramento deu origem ao município de Jaborandi. Talvez, por esse motivo o município de Coribe apresentou o menor incremento populacional da região com uma taxa de -2,14%. Santa Maria da Vitória e Correntina também tiveram taxas influenciadas pelo mesmo motivo. Santa Maria da Vitória, o segundo maior centro urbano do Oeste, apresentou uma taxa de crescimento de 1,8% ao ano, e Correntina 0,65% ao ano. As taxas apresentadas por esses três municípios estão bem abaixo das apresentadas pela região e pelo Estado.

As menores taxas de crescimento populacional foram apresentadas pelos municípios de Coribe -2,14 %, o único município a apresentar taxa de crescimento negativa no período e portanto perda absoluta de população. Seguido por Canápolis 0,03%, Santana 0,07%, Cocos 0,14% e Catolândia 0,29%, Correntina 0,65%, Tabocas do Brejo Velho 0,51%, Riachão das Neves 0,95% e Cotegipe 0,84%. Sendo que Correntina e Cotegipe foram desmembrados para dar origem aos municípios Jaborandi e Wanderley respectivamente.

Três municípios apresentaram reposição de crescimento vegetativo, Santa Maria da Vitória com uma taxa de 1,8 %, Wanderley 1,83% e Mansidão com 1,7%. Os dois últimos municípios foram emancipados em 1985 tendo esse fato refletido em suas taxas de

crescimento. Fato oposto ocorreu com Santa Maria da Vitória que teve parte do seu território desmembrado para dar origem ao município de São Félix do Coribe.

No período de 1991 a 1996, ano em que foi realizado a última contagem populacional do IBGE, as taxas de crescimento caíram bastante. Nesse período apenas um município, Barreiras, apresentou ganho populacional com imigração, sendo sua taxa de 4,18% ao ano, ou seja, em relação ao período anterior a taxa de crescimento do município caiu quase pela metade seguindo a tendência geral apresentada pela região, que registrou uma taxa de 1,09% ao ano.

No mesmo período, oito municípios apresentaram perdas absolutas de população. sendo que todos os oito municípios tiveram taxas de crescimento positivas no período anterior. A menor taxa foi apresentada pelo município de Jaborandi com -2,61%, logo após Angical com -2,16%, Catolândia -0,88%, Santana -0,67%, Wanderley -0,52%, Santa Rita de Cássia -0,34%, Cotegipe -0,16% e São Desidério -0,03%. Entre esses municípios Jaborandi e Wanderley foram emancipados durante a década de oitenta.

Apenas três municípios apresentaram reposição do crescimento vegetativo no período em questão, foram eles Baianópolis 1,94% ao ano, Serra Dourada, 1,5% ao ano e Coribe com uma taxa de 2%, recuperando-se do impacto causado pela emancipação de São Félix do Coribe em 1989.

Dez municípios apresentaram perdas líquidas de população, ou seja, tiveram saldos migratórios negativos são eles: Canápolis 0,88%, Cocos 1,39%, Correntina 1,18%, Cristópolis 0,36%, Formosa do Rio Preto 0,83%, Mansidão 1,05%, Riachão das Neves 0,94%, Santa Maria da Vitória 0,27%, São Félix do Coribe 0,62% e Tabocas do Brejo Velho 0,8%. Nesse segmento quatro municípios (Canápolis, Cocos, Correntina e Tabocas do Brejo Velho) apresentaram taxas de crescimento superiores as taxas do período anterior. Cinco municípios tiveram taxas menores as registradas no período anterior - Cristópolis, Formosa do Rio Preto, Mansidão, Santa Maria da Vitória e São Félix do Coribe. O município de Riachão das Neves foi o único município que não apresentou variação na

taxa de crescimento da população nos dois períodos analisados.

Dos 22 municípios da região, 18 apresentavam perdas de população líquida ou absoluta em 1996, ou seja, esses municípios por algum motivo deixaram de ser atrativos para a sua população, apesar do processo de expansão das fronteiras agrícolas deflagrado na região a partir do final da década de 1970.

4.2 A NOVA CONFIGURAÇÃO DOS NÚCLEOS URBANOS

Historicamente o processo de urbanização do Oeste é mais recente de todas as regiões do Estado. Os 22 municípios, 15 foram emancipados a partir de 1958, sendo que dentre esses, quatro, Mansidão, Jaborandi, São Félix do Coribe e Wanderley, foram emancipados dentro do período em estudo, o que de certa forma prejudica uma análise mais aprofundada a respeito do processo de urbanização da região.

Entre 1980 a 1996 a população da região passou por um intenso processo de urbanização. Sua população urbana cresceu em números relativos cerca de 112%, enquanto o crescimento da população regional ficou em torno de 37,59%. As cidades até 5.000 habitantes, que em 1980 eram em número de 14, passou para 11 em 1996. Uma boa redução se levarmos em consideração que durante o período foram criados mais quatro municípios. Sendo que três desses municípios recém criados estavam incluídos entre as onze cidades. Além disso, esse grupo de cidades com seus 32.156 habitantes representava 35,17% da população residentes nas cidades em 1980, passando a representar apenas 14,82% em 1996 com 30.941 habitantes.

As cidades que possuíam entre 5.000 e 19.999 habitantes foi a categoria que mais cresceu durante o período. Em 1980 eram apenas duas cidades: Santa Rita de Cássia e Santa Maria da Vitória, juntas suas populações representavam 32,07% da população que habitava as cidades. Em 1996 esse grupo de cidades passou a ter nove membros: Serra Dourada, São Desidério, Riachão das Neves, Cocos, Formosa do Rio Preto, Correntina, Santa Rita de

Cássia, Santana e São Félix do Coribe. Esta última emancipada em 1989. Com isso, esse conjunto de cidades passou a representar 32,43% dos domiciliados nas cidades. Apesar do aumento do número de cidades nesse grupo, a sua representatividade dentro da região quase não se alterou.

Em 1996, o núcleo urbano de Santa Maria da Vitória era a única aglomeração populacional na faixa dos 20.000 a 49.999 habitantes, com uma população de 21.068 pessoas permanecia como segundo polo urbano do Oeste, porém sua representatividade diminuiu, tendo em vista que sua população em 1980 representava 17,81% dos núcleos urbanos, em 1996 sua participação caiu para 10,24%

Em 1980 a cidade de Barreiras era o maior núcleo urbano. Com seus 30.055 habitantes era responsável por 32,87% da população das cidades. No período em estudo sua população cresceu em 190,98%, chegando aos 87.455 habitantes em 1996 e passando a representar cerca de 42,51% da população residentes nas cidades do Oeste. Consolidando-se como a maior cidade da regional.

4.3 O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E A POLARIZAÇÃO EM BARREIRAS.

O aumento do grau de urbanização (participação da população urbana sobre a população total do município) foi uma tendência geral apresentada nos municípios da região Oeste. A única exceção foi o município de Formosa do Rio Preto que teve seu grau de urbanização reduzido de 36,48% em 1991, para 36,03% em 1996

O grau de urbanização dos municípios e da região sempre foi abaixo dos índices apresentados pelo Estado. Segundo a contagem populacional realizada pelo IBGE em 1996, o grau de urbanização da Bahia era de 62,40%. No mesmo período, apenas dois municípios do Oeste possuíam grau de urbanização superior ao apresentado pelo Estado, Barreiras com 76,92% e São Félix do Coribe com 65,25%.

Em 1996, o grau de urbanização da região ficou em 47,07%. Nesse quesito apenas cinco municípios apresentaram percentuais superiores ao apresentados pelo Oeste. São eles: Santa Maria da Vitória com 52,39%, Santana, 51,37%, São Desidério, 48,68%, Barreiras e São Félix do Coribe.

Os menores percentuais foram registrados nos municípios de Baianópolis 21,32%, Canápolis 22,32%, Cristópolis 20,38%, Mansidão 19,08% e Jaborandi 16,99%, sendo que os dois últimos municípios foram emancipados na década de oitenta.

TABELA 8 - Região Oeste - Grau de Urbanização

Município	Grau de Urbanização		
	1980	1991	1996
Angical	14,82	23,36	24,74
Baianópolis	13,15	16,68	21,32
Barreiras	72,49	76,5	76,92
Canápolis	16,57	17,29	22,32
Catolândia	12,01	24,47	28,29
Cocos	23,3	31,11	33,48
Coribe	13,15	34,06	34,48
Correntina	16,99	30,84	33,29
Cotegipe	30,99	41,01	42,2
Cristópolis	17,25	17,8	20,38
Formosa do Rio Preto	30,48	36,48	36,03
Jaborandi	0,00	14,43	16,99
Mansidão	14,4	17,92	19,08
Riachão das Neves	32,25	43,98	44,31
Santa Maria da Vitória	39,4	50,02	52,39
Santa Rita de Cássia	28,71	45,7	48,68
São Desidério	21,29	29,19	35,78
São Felix do Coribe	69,57	56,76	65,25
Satana	36,82	46,98	51,37
Serra Dourada	15,25	24,28	28,55
Tabocas do Brejo Velho	17,02	24,52	25,95
Wanderley	25,77	34,51	37,24
Total da Região	30,56	43,34	47,07

Fonte: Censo Demográfico do IBGE 1980 e 1990, e Contagem Populacional 1996 do IBGE

Ao analisar a urbanização da região, é possível determinar Barreiras como grande pólo urbano, com uma tendência crescente de concentrar a população em seu território, em detrimento dos outros municípios. Isso pode ser observado nas tabelas 08, 09 e 10 que demonstram a crescente representatividade da população de Barreiras em relação a

população total, tanto no âmbito urbano, quanto no âmbito rural.

TABELA 9 - Participação de Barreiras e dos outros municípios na composição da população total da Região

Municípios	População Total			Particip. na popul. Total (%)		
	1980	1991	1996	1980	1991	1996
Barreiras	41.462	92.640	113.695	12,31	21,10	24,53
Outros municípios	295.354	346.313	349.727	87,69	78,90	75,47
Total da região	336.816	438.953	463.422	100,00	100,00	100,00

Fonte: IBGE Censo Demográfico 1980 e 1991, e Contagem Populacional de 1996

TABELA 10 - Participação de Barreiras e dos outros municípios na composição da população urbana da Região

Municípios	População Urbana			Particip. na popul. Urb. (%)		
	1980	1991	1996	1980	1991	1996
Barreiras	30.055	70.870	87.455	29,20	37,25	40,09
Outros municípios	72.866	119.373	130.691	70,80	62,75	59,91
Total da região	102.921	190.243	218.146	100,00	100,00	100,00

Fonte: IBGE Censo Demográfico 1980 e 1991, e Contagem Populacional de 1996

TABELA 11 - Participação de Barreiras e dos outros municípios na composição da população rural da Região

Municípios	População Urbana			Particip. na popul. Urb. (%)		
	1980	1991	1996	1980	1991	1996
Barreiras	11.407	21.770	26.240	4,88	8,75	10,70
Outros municípios	222.488	226.940	219.036	95,12	91,25	89,30
Total da região	233.895	248.710	245.276	100,00	100,00	100,00

Fonte: IBGE Censo Demográfico 1980 e 1991, e Contagem Populacional de 1996

4.4 O NOVO PERFIL DA OCUPAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA REGIONAL

Diante do processo de expansão das fronteiras agrícolas e do crescimento da população urbana frente à rural, a ocupação da mão-de-obra mudou de perfil, seguindo uma tendência de crescimento das atividades tipicamente urbanas. Isso fica patente se forem analisados os dados colhidos pelo Censo demográfico do IBGE realizados nos anos de 1970, 1980 e

1991 (tabelas 12).

TABELA 12 - Região Oeste - População Economicamente Ativa por Setor de Atividade

Setor de atividade	1970		1980		70/80	1991		80/91
	Abs	%	Abs	%	%	Abs	%	%
Agricultura	61.454	87,20	71.835	74,10	16,89	75.828	58,27	5,56
Indústria	2.509	3,60	8.307	8,60	231,09	13.931	10,71	67,70
Comércio	1.612	2,30	3.534	3,60	119,23	9.183	7,06	159,85
Serviços	1.856	2,60	6.348	6,60	242,03	15.587	11,98	145,54
Transportes	381	0,50	1.260	1,30	230,71	2.942	2,26	133,49
Administração	649	1,00	1.817	1,90	179,97	3.853	2,96	112,05
Atividades Sociais	1.010	1,40	2.707	2,80	168,02	7.207	5,54	166,24
Outras Atividades	976	1,40	1.073	2,80	9,94	1.600	1,23	49,11
Total	70.447	100,00	96.881	100,00	37,52	130.131	100,00	34,32

Fonte: IBGE - Censo Demográficos 1970,1980 e 1991

Segundo o IBGE, em 1970 haviam 70.447 pessoas com 10 anos ou mais ocupadas na região Oeste. A distribuição desse contingente nos setores atividades pesquisados apontavam a supremacia do setor agrícola como o grande empregador da mão-de-obra, na época 87,2% da mão-de-obra da região estava alocadas nas atividades tipicamente agrícolas. Entre as atividades urbanas destacavam-se a indústria com 3,6% da população ocupada, o segundo maior setor empregador de mão de obra, seguido dos serviços 2,6% e do comércio com 2,3%. As demais atividades: transportes, administração pública, atividades sociais e as atividades não definidas (outras atividades) possuíam participação irrisória. Portanto, em 1970 as atividades do setor agrícola eram absolutas frente as atividades urbanas, que enfocadas individualmente, tornavam-se praticamente irrelevantes.

Em 1980, o quadro da ocupação começa a se modificar. Nesse período o processo de expansão das fronteiras agrícolas ainda era incipiente, mas, mesmo assim, já são observados fortes alterações na distribuição da ocupação, sendo observado o crescimento das atividades tipicamente urbanas.

O setor agrícola em 1980 apresentou uma perda de representatividade no conjunto dos setores de ocupação, passando a responder por 74,10% das pessoas ocupadas com 10 anos ou mais.

As demais atividades ditas tipicamente urbanas foi observado um crescimento de aproximadamente 100%. Destacam-se nesse processo o setor industrial que passou a absorver 8,60% das pessoas ocupadas, os serviços com 6,60%. O incremento no setor comercial não acompanhou os setores citados anteriormente, absorvendo apenas 3,60% da população ocupada.

No censo de 1991 a tendência de crescimento das atividades urbanas continuou, destacando-se dentre essas atividades a prestação de serviços que ultrapassou o setor industrial, passando a ser o maior setor alocador de mão-de-obra dentro das atividades urbanas, respondendo por 11,98% dos ocupados da região. No mesmo período a indústria passou a representar 10,71% e o comércio 7,06% dos ocupados. As demais atividades urbanas passaram a representar 11,99%, com destaque para as atividades sociais (serviços hospitalares, educação, previdência, dentre outras) que passaram a empregar 5,54% dos ocupados refletindo os investimentos feito nessa área pelo Estado. Em 1991 as atividades agrícolas concentravam 58,27% dos ocupados .

No período entre 1970 e 1991, a população ocupada da região cresceu cerca de 84,72%, com um acréscimo em termos absolutos de 59. 684 pessoas. Dentro desse período apenas duas atividades apresentaram o crescimento menor que o da região. O setor agrícola cujo o crescimento foi de apenas de 23,39%, com incremento absoluto de 14.374 pessoas ocupadas, e as atividades não definidas que também apresentaram um crescimento menor, ficando em cerca de 63,93%, representando em 1991 apenas 1,23% dos da população com ocupação, porém nesse caso, parte desse desempenho pode ser atribuída as mudanças nos critérios do censo do IBGE.

Nos setores que tiveram desempenho superior ao incremento da região, o grande destaque é o setor de serviços que cresceu no período cerca de 739,82%, seguido pelo de transporte e comunicações com o incremento de 672% e atividades sociais com 613,56%. Se for levado em consideração somente os setores de atividades urbanas mais representativos (indústria, comércio e serviços) teremos um incremento de 547,98%, que em termos absolutos corresponde a 32.724 pessoas ocupadas, superando em mais de 100% o incremento absoluto do setor agropecuário no mesmo período.

O crescimento das atividades urbanas foi generalizado, porém com uma concentração no município de Barreiras, que passou a representar 46,83% do pessoal ocupado em atividades tipicamente urbanas. Os outros municípios perderam representatividade tanto nas atividades rurais como nas atividades urbanas, porém nas atividades urbanas eles apresentaram crescimento, ao passo que nas atividades rurais a ocupação continuou a mesma. O incremento que ocorreu na ocupação agrícola foi influenciado em grande parte pelo aumento da ocupação no município de Barreiras. As tabelas 13, 14 e 15 demonstram a evolução da ocupação da região no período.

TABELA 13 - Participação de Barreiras e dos outros municípios na composição da ocupação total da Região

Municípios	Ocupação total		Participação %	
	1980	1991	1980	1991
Barreiras	12.832	32.958	13,24	25,33
Outros municípios	84.059	97.173	86,76	74,67
Total da região	96.891	130.131	100,00	100,00

Fonte: IBGE Censo Demográfico 1980 e 1991.

TABELA 14 - Participação de Barreiras e dos outros municípios na composição da ocupação rural da Região

Municípios	Ocupação rural		Participação %	
	1980	1991	1980	1991
Barreiras	3.834	7.526	5,34	9,93
Outros municípios	68.011	68.302	94,66	90,07
Total da região	71.845	75.828	100,00	100,00

Fonte: IBGE Censo Demográfico 1980 e 1991.

TABELA 15 - Participação de Barreiras e dos outros municípios na composição da ocupação urbana da Região

Municípios	Ocupação urbana		Participação %	
	1980	1991	1980	1991
Barreiras	8.998	25.432	35,93	46,83
Outros municípios	16.048	28.871	64,07	53,17
Total da região	25.046	54.303	100,00	100,00

Fonte: IBGE Censo Demográfico 1980 e 1991.

4.5 A EVOLUÇÃO DO RENDIMENTO DOS OCUPADOS

As tabelas 16, 17 mostram a forma de distribuição da renda entre os ocupados da região em 1980 e 1991. Pode-se observar que entre os anos de 1980 e 1991 a participação dos rendimentos dos ocupados que recebiam em média até meio salário mínimo diminuiu de 30,3% para 23,7%. Por outro lado, os outros níveis de rendimento aumentaram sua participação, com destaque para os rendimentos de 5 a 10 e mais de 10 salários que praticamente tiveram sua participação dobrada no contingente de ocupados, em 1980 essas duas classes de rendimento representavam juntas 2% dos salários pagos aos ocupados, ao passo que em 1991 passaram a representar 4,3%.

A classe de rendimentos entre 1 e 2 salários mínimos teve sua participação reduzida de 22,9% para 22,7% permanecendo com sua representatividade praticamente constante durante o período. As classes entre meio a 1 e 2 a 5 salários mínimos tiveram aumentos em sua participação. A primeira cresceu de 36,5% em 1980 para 38,8% em 1991, enquanto a segunda variou de 8,3% em 1980 para 10,4% em 1991.

O contingente de ocupados que recebiam até 2 salários mínimos respondia por 89,70% da população ocupada que recebia rendimento, passando a representar em 1991 85,20%. Portanto, a introdução da agricultura moderna melhorou os rendimentos do pessoal ocupado, principalmente nas categorias salariais mais elevadas. Houve também a redução do contingente dos que ganhavam até meio salário mínimo, enquanto as categorias salariais intermediárias apresentaram um pequeno crescimento nas suas representatividades.

Dentro desses aspectos, o processo de expansão das fronteiras agrícolas permitiu a melhoria do rendimento dos ocupados. A forma que esses rendimentos se distribuíram entre os municípios evidencia a concentração da atividade econômica no município de Barreiras que concentra 25,4% dos ocupados com rendimento. Essa característica fez que as melhorias salariais auferidas pela população de Barreiras tivessem um peso representativo sobre o resultado apresentado, principalmente, nas categorias salariais superiores.

No entanto, as tendências apresentadas em Barreiras estiveram presentes em todos os municípios, demonstrando que a capitalização da agricultura no Oeste levou a formação de relação de trabalho mais sólida, conforme evidencia a redução da participação do contingente de assalariados que recebiam até meio salário mínimo, que foi uma tendência geral em praticamente todos os municípios.

TABELA 16 - Proporção de Pessoas de 10 anos ou mais, por rendimento médio mensal segundo os Municípios da Região Oeste da Bahia em 1980

Municípios	Até 1/2		½ a 1		1 a 2		2 a 5		5 a 10		mais de 10	
	Reg.	Munic.	Reg.	Munic.	Reg.	Munic.	Reg.	Munic.	Reg.	Munic.	Reg.	Munic.
Angical	2,6	25,9	4,9	52,7	2,7	17,9	2,2	5,3	1,0	0,4	0,6	0,1
Baianópolis	3,9	48,5	2,8	38,0	1,6	13,9	1,2	3,7	0,8	0,4	0,0	0,0
Barreiras	11,2	25,4	12,2	30,4	18,4	28,8	22,6	12,7	36,4	3,2	35,2	1,8
Canápolis	4,3	44,9	2,7	31,4	3,1	22,5	1,9	4,9	0,8	0,3	0,0	0,0
Catolândia	0,8	27,8	1,2	47,3	0,8	19,4	0,6	5,4	1,9	2,7	0,0	0,0
Cocos	5,8	38,8	4,3	31,4	4,5	20,8	6,9	11,5	3,4	0,9	0,9	0,1
Coribe	6,2	42,8	5,3	40,0	3,2	15,2	3,0	5,0	2,0	0,5	1,8	0,3
Correntina	9,5	31,6	11,4	41,6	9,5	21,7	8,3	6,8	4,9	0,6	6,5	0,5
Cotegipe	3,8	22,8	4,6	29,5	8,3	33,8	8,6	12,7	5,4	1,3	15,8	2,1
Cristópolis	4,6	58,7	2,1	30,0	1,5	12,8	1,2	3,9	0,0	0,0	0,0	0,0
Formosa do Rio Preto	4,5	41,9	2,6	26,0	3,3	21,2	4,5	10,4	6,4	2,3	9,5	2,0
Jaborandi*												
Mansidão*												
Riachão das Neves	2,5	15,3	6,1	41,1	8,2	34,6	6,4	9,7	1,8	0,4	1,6	0,2
Santa Maria da Vitória	10,8	30,7	12,9	40,2	10,8	21,1	11,5	8,1	18,8	2,1	9,2	0,6
Santa Rita de Cássia	8,0	38,3	6,5	33,9	6,9	22,8	6,1	7,3	3,9	0,7	4,3	0,5
Santana	7,9	35,0	7,9	38,5	6,4	19,6	7,2	7,9	7,8	1,4	7,6	0,8
São Desidério	4,3	31,8	4,9	40,0	4,6	23,1	3,7	6,8	1,8	0,5	3,5	0,6
São Félix do Coribe*												
Serra Dourada	3,6	28,1	4,9	42,6	4,5	24,1	3,2	6,3	2,8	0,9	3,1	0,5
Tabocas do Brejo Velho	5,7	62,0	2,4	28,9	1,7	12,3	0,8	2,2	0,0	0,0	0,4	0,1
Wanderley*												
Total na Região	100,0	33,3	100,0	36,5	100,0	22,9	100,0	8,3	100,0	1,3	100,0	0,7

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1980.

* Municípios emancipados após 1980.

Obs.: Rendimento médio com base no Salário mínimo.

TABELA 17 - Proporção de Pessoas de 10 anos ou mais, por rendimento médio mensal segundo os municípios da Região Oeste da Bahia em 1991

Municípios	Até 1/2		1/2 a 1		1 a 2		2 a 5		5 a 10		mais de 10	
	Reg.	Munic.	Reg.	Munic.	Reg.	Munic.	Reg.	Munic.	Reg.	Munic.	Reg.	Munic.
Angical	3,6	24,4	3,7	40,6	4,2	26,9	2,1	6,2	1,8	1,4	1,1	0,5
Baianópolis	5,5	45,1	2,5	32,8	1,9	15,2	1,5	5,3	0,9	0,9	1,3	0,7
Barreiras	17,1	16,0	18,0	27,5	33,4	29,8	42,6	17,5	49,1	5,5	61,7	3,7
Canápolis	2,3	25,7	3,2	57,8	1,3	14,0	0,4	1,8	0,4	0,5	0,2	0,2
Catolândia	0,9	29,8	0,9	47,0	0,5	15,2	0,5	6,5	0,3	1,1	0,2	0,4
Cocos	3,0	21,2	3,8	44,3	3,3	22,6	3,3	10,4	1,7	1,4	0,3	0,1
Coribe	2,7	22,6	2,1	29,0	3,4	27,3	4,1	15,1	5,7	5,7	0,8	0,4
Correntina	6,0	22,5	8,0	48,8	5,3	19,0	4,4	7,3	3,5	1,6	3,4	0,8
Cotegipe	3,8	34,6	2,6	37,6	1,8	15,6	2,6	10,2	1,1	1,2	1,4	0,8
Cristópolis	3,4	25,1	3,4	41,2	3,3	23,2	2,3	7,4	2,8	2,4	1,3	0,6
Formosa do Rio Preto	3,8	28,0	2,9	35,2	2,9	20,1	3,1	9,9	4,3	3,8	6,3	2,9
Jaborandi*	1,7	18,0	2,7	46,6	2,9	29,3	1,0	4,7	0,7	0,9	0,7	0,5
Mansidão*	2,4	30,0	2,3	47,6	1,5	18,0	0,6	3,1	0,8	1,2	0,0	0,0
Riachão das Neves	4,3	25,1	4,5	42,8	4,5	24,8	2,0	5,2	1,9	1,3	2,1	0,8
Santa Maria da Vitória	8,6	22,5	9,6	40,9	8,9	22,1	9,0	10,3	9,7	3,0	7,0	1,2
Santa Rita de Cássia	7,2	34,0	5,7	43,8	3,6	16,3	2,2	4,5	1,6	0,9	1,6	0,5
Santana	7,2	26,3	7,5	45,0	4,9	16,9	5,1	8,2	5,5	2,4	5,2	1,2
São Desidério	4,8	29,5	3,3	33,1	3,9	22,9	4,1	11,2	3,6	2,6	1,9	0,7
São Félix do Coribe*	1,8	16,2	2,9	44,4	2,8	24,4	3,0	12,2	1,7	1,9	1,5	0,9
Serra Dourada	3,0	21,2	4,6	54,3	2,3	15,9	2,4	7,5	1,0	0,9	0,6	0,3
Tabocas do Brejo Velho	3,4	33,7	3,1	50,9	1,1	10,9	1,0	4,3	0,3	0,3	0,0	0,0
Wanderley*	3,5	30,1	2,6	37,2	2,3	19,0	2,9	11,1	1,8	1,8	1,5	0,8
Total na Região	100,0	23,7	100,0	38,8	100,0	22,7	100,0	10,4	100,0	2,8	100,0	1,5

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991.

Obs.: Rendimento médio com base no Salário mínimo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Possuindo cerca de 20% do território baiano, o Oeste, representa hoje um grande potencial econômico para o Estado. No entanto, a ingerência do Estado no início do processo de expansão das fronteiras agrícolas levou a uma conformação unipolar nas estruturas dos centros urbanos regionais. Com isso, boa parte dos benefícios oriundos desse processo ficou concentrada nas redondezas da cidade de Barreiras, sendo a população do núcleo urbano a grande beneficiada. Os demais municípios perderam sua representatividade regional, diante da crescente concentração populacional e das atividades econômicas em Barreiras.

Como foi observado, a regionalização do desenvolvimento também provoca desigualdades. "A grande maioria das atividades produtivas, sucitadas pelas medidas de desenvolvimento regional acaba se localizando em uma ou duas áreas urbanas (...)" (Singer, 1975, 40). Esse foi o caso do município de Barreiras que passou a polarizar boa parte das atividades tipicamente urbanas. O município em primeiro momento recebeu os imigrantes sulistas que vieram juntos com o processo de expansão das fronteiras agrícolas, e passou em segundo momento, a receber crescentes levas de imigrantes da própria região que via no município melhores perspectivas de vida. Com isso, a cidade, que antes dividia a polarização das atividades urbanas da região com o município de Santa Maria da Vitória, passou a ser absoluta, gerando grandes necessidades de investimentos em infra-estrutura urbana. Atualmente já é possível se observar a formação de pequenas favelas no núcleo urbano de Barreiras

O processo de expansão das fronteiras agrícolas no Oeste baiano possibilitou melhorias significativas a população. Esse processo moldado na agricultura moderna concentrou a estrutura fundiária obrigando a boa parte dos pequenos proprietários de terra a imigrar para as cidades. Porém o aumento significativo da concentração da terra não significou em nenhum momento a perda da qualidade de vida dessas populações que imigraram para as cidades, pois o ganho de produtividade no processo de produção agrícola criou novas oportunidades para todos. Além disso diminuiu significativamente a ocupação em atividades agrícolas. Singer, deixa bem claro em seu livro, que isso é comum em regiões onde a

expulsão dos camponeses ocorre devido a mudanças oriundas de inovações tecnológicas, que reduzem os postos de trabalho agrícolas.

A distinção entre áreas de imigração sujeitas a fatores de mudanças e áreas sujeitas a fatores de estagnação permite visualizar melhor as consequências da imigração. As primeiras perdem população mas a produtividade aumenta, o que permite, em princípio, uma melhoria nas condições de vida locais, dependendo do sistema de forças políticas que condicionam a repartição da renda. (Singer, 1975, 39)

O aumento do número de núcleos urbanos com mais de 5.000 habitantes demonstra o processo de urbanização que vem ocorrendo. Contudo a urbanização não foi seguida por um incremento considerável na ocupação urbanas dessa cidades, haja vista que boa parte dos ocupados estavam ligados às atividades agrícolas. Dentro desse aspecto é possível concluir que boa parte da população que passou a habitar estas cidades não deixaram as atividades agrícolas, mas sim o domicílio agrícola, evidenciando um novo tipo de relação de trabalho sem características camponesas. Provavelmente passaram a ser trabalhadores assalariados das atividades agrícolas, ou passaram a tocar suas fazendas, morando nas cidades.

Apesar de Santos Filho ter alertado que o "processo de expansão das fronteiras agrícolas na região está subordinado ao processo de expansão da fronteira urbana" (Santos Filho, 1989, 149), pouco foi feito para melhorar a infra-estrutura urbana da região. Tendo o mesmo processo acirrado as desigualdades intra-regionais, reordenando o fluxo migratório para a cidade de Barreiras, que já representa cerca de 1/4 da população regional, em detrimento dos outros municípios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R., CARMARANO, A. A., PINTO, M. S.. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: tendências recentes. *Como vai a população brasileira* Brasília, v.2, n.2, p. 1-11, set. 1997.

ALMEIDA, Rômulo. *Nordeste: desenvolvimento social e industrialização*. 1 ed. Rio de janeiro: Paz e Terra, Brasília: CNPq,1985. p 206.

BRITO, Paulo R. A.. *Política econômica brasileira contemporânea*. 1 ed.. Salvador: Universidade Católica,1998. p 133-137

CENTRO ESTATÍSTICO DE INFORMAÇÕES. Bahia. *Informe estatístico do Oeste*. Salvador: CEI, 1994. 15 p

_____. *Informações básicas dos municípios baianos: Região Oeste* . Salvador, CEI, 1992. p 3-28

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL. Bahia. *Políticas de desenvolvimento regional para o Oeste da Bahia*. Salvador: CAR, 1993. p. 6-38.

_____. *Oeste da Bahia: perfil regional. programa de desenvolvimento regional sustentável*. Salvador: CAR, 1995, 66p

_____. *Programa de desenvolvimento regional sustentável - PDRS Oeste da Bahia*. - Salvador: CAR, 1997. p. 45-86

_____. *Subespecialização regional: Oeste da Bahia. Programa de desenvolvimento regional sustentável*. Salvador: CAR, 1997. 55p.

COUTO FILHO, Vitor de A.. Tendência da ocupação de mão-de-obra em atividades primárias na Bahia. *Conjuntura e planejamento*, Salvador, n 52, p 24-30 , set.1998.

DUQUE, Fernando F.. Sistemas de produção potencialmente viáveis para a cultura da soja em áreas de cerrados, in Simpósio sobre o cerrado: base para utilização agropecuária; 4, Out. de 1976. *Anais*. Belo Horizonte: ed. Itatiaia. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. p 373-381

SANTOS FILHO, Milton (Coord.) . *O processo de urbanização no Oeste baiano*. Recife: SUDENE-DPG.PSU-URB, 1989.p 25-200

FUNDAÇÃO CENTRO DE PROJETOS E ESTUDOS. Bahia. *Uma alternativa agro-industrial para o Oeste Baiano*. Salvador: CPE, 1993. 54p

GRAZIANO, José da Silva. *A modernização dolorosa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p 66-135.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, *História dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.v 20.

CARVALHO JUNIOR, Cesar V. de . Agropecuária na Bahia segundo os censos de 1985 e 1995/96: indicadores dos níveis de atividade econômica. *Conjuntura e planejamento*, Salvador, SEI, n 52, p 3-17 , set.1998

NEVES, Laert Pedreira. *O crescimento de Salvador e das demais cidades baianas*. 1 ed.. Salvador: Centro Editorial Didático da UFBA. 1985. p 39-85.

PIMENTA, Antônio C. Rosa, REIS, Frederico S. dos. Desenvolvimento tecnológico do setor primário baiano. *Conjuntura e planejamento*, Salvador, n 52, p 18-23 , set.1998.

SILVA, Carlos B. de Mello Silva. *Urbanização e desenvolvimento regional no estado da Bahia: uma visão sistêmica*. Salvador, 1975. p 12-64. Tese (docente). Instituto de Geociências, UFBA, 1975.

SINGER, Paul. *Economia política da urbanização*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1975. p 29-61

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. Bahia. *Bahia 2.000*. Salvador: SEI,1999. p 291-333.

_____. *Crescimento Populacional 1980-1996*. Salvador: SEI, 1998. P. 219-232.

_____. *Mudanças sócio demográficas recentes: Extremo Sul da Bahia*. Salvador: SEI, 1998. p 39-70

VERDÉSIO, Juan José. *Os cerrados do Oeste da Bahia: descrição física e o potencial de uso agrícola*: 1 ed. Salvador: CAR, 1986. 78 P

ANEXOS

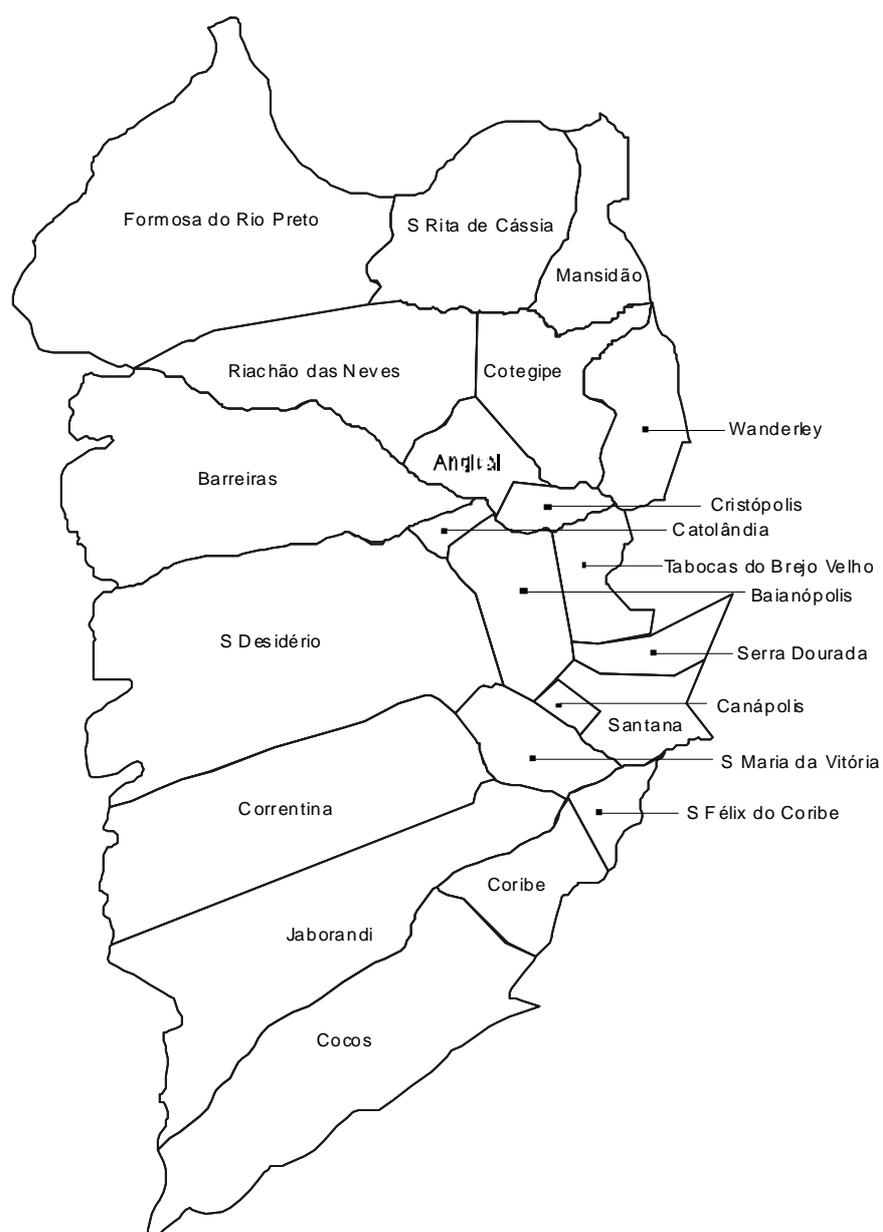
ANEXO 1



FIGURA 1 - Localização geográfica da Região Oeste no território baiano

Fonte: SEI

ANEXO 2

**FIGURA 2 - Divisão político administrativa da Região Oeste**

Fonte: SEI

ANEXO 3

**TABELA-01 População das Cidades do Oeste
Em 1980.**

Municípios	População	Classes	Nº cid.
		População	
	Menos de 5.000 hab.	32.156	14
Catolândia	381		
Baianópolis	901		
Tabocas do Brejo Velho	1.522		
Canapólis	1.565		
Cristópolis	1.721		
Angical	1.758		
Serra Dourada	2.142		
Cotegipe	2.338		
Coribe	2.362		
São Desidério	2.566		
Riachão das Neves	3.180		
Formosa do Rio Preto	3.623		
Cocos	3.667		
Correntina	4.430		
	de 5.000 a 19.999 hab.	29.232	3
Santa Rita de Cassia	5.113		
Santana	7.830		
Santa Maria da Vitória	16.289		
	de 20.000 a 49.999 hab.	30.055	1
Barreiras.	30.055		
	mais de 50.000 hab.	-	-
	-		
Total	91.443	91.443	18

Fonte: IBGE Censo Demográfico 1980

ANEXO 4

TABELA-02 População das Cidades da região Oeste em 1991

Municípios	População	Classes	Nº cid.
		População	
	Menos de 5.000 hab.	41.743	14
Catolândia	801		
Canápolis	1.638		
Jaborandi	1.687		
Baianópolis	1.708		
Mansidão	1.844		
Cristópolis	2.252		
Tabocas do Brejo Velho	2.401		
Cotegipe	3.532		
Coribe	3.674		
Angical	3.749		
Serra Dourada	4.242		
São Desidério	4.537		
Wanderley	4.706		
Cocos	4.972		
	de 5.000 a 19.999 hab.	65.610	7
Riachão das Neves	5.093		
Formosa do Rio Preto	5.624		
São Felix do Coribe	6.724		
Correntina	7.644		
Santa Rita de Cassia	10.284		
Santana	10.469		
Santa Maria da Vitória	19.732		
	de 20.000 a 49.999 hab.	-	-
	mais de 50.000 hab.	70.870	1
Barreiras	70.870		
Total	178.223	178.223	22

Fonte: IBGE Censo Demográfico 1991

ANEXO 5

TABELA-03 População das Cidades da região Oeste em 1996

Municípios	População	Classes População	Nº cid.
	Menos de 5.000 hab.	30.491	11
Catolândia	886		
Jaborandi	1.740		
Mansidão	2.068		
Baianópolis	2.102		
Canapólis	2.206		
Critópolis	2.625		
Tabocas do Brejo Velho	2.668		
Angical	3.561		
Cotegipe	3.561		
Coribe	4.116		
Wanderley	4.947		
	de 5.000 a 19.999 hab.	66.710	9
Serra Dourada	5.375		
São Desidério	5.447		
Riachão das Neves	5.666		
Cocos	5.733		
Formosa do Rio Preto	5.788		
São Felix do Coribe	8.201		
Correntina	8.813		
Santa Rita de Cássia	10.783		
Santana	11.084		
	de 20.000 a 49.999 hab.	21.068	1
Santa Maria da Vitória	21.068		
	mais de 50.000 hab.	87.455	1
Barreiras	87.455		
Total	205.724	205.724	22

Fonte: IBGE contagem populacional de 1996

ANEXO 6

TABELA-04: População da região Oeste por domicílio e por município em 1980, 1991 e 1996.

Municípios	População Total			População Urbana			Grau de Urbanização (%)			População Rural			Partic. Pop. Rural (%)		
	1980	1991	1996	1980	1991	1996	1980	1991	1996	1980	1991	1996	1980	1991	1996
Angical	11.863	16.052	14.391	1.758	3.749	3.561	14,82	23,36	24,74	10.105	12.303	10.830	85,18	76,64	75,26
Baianópolis	9.577	13.823	12.535	1.259	2.305	2.672	13,15	16,68	21,32	8.318	11.518	9.863	86,85	83,32	78,68
Barreiras	41.462	92.640	113.695	30.055	70.870	87.455	72,49	76,50	76,92	11.407	21.770	26.240	27,51	23,50	23,08
Canapólis	9.443	9.475	9.898	1.565	1.638	2.209	16,57	17,29	22,32	7.878	7.837	7.689	83,43	82,71	77,68
Catolândia	3.173	3.274	3.132	381	801	886	12,01	24,47	28,29	2.792	2.473	2.246	87,99	75,53	71,71
Cocos	15.738	15.983	17.125	3.667	4.972	5.733	23,30	31,11	33,48	12.071	11.011	11.392	76,70	68,89	66,52
Coribe	17.963	14.167	15.640	2.362	4.825	5.392	13,15	34,06	34,48	15.601	9.342	10.248	86,85	65,94	65,52
Correntina	26.079	28.005	29.703	4.430	8.636	9.887	16,99	30,84	33,29	21.649	19.369	19.816	83,01	69,16	66,71
Cotegipe	11.383	12.480	12.381	3.528	5.118	5.203	30,99	41,01	42,02	7.855	7.362	7.178	69,01	58,99	57,98
Cristópolis	9.977	12.651	12.882	1.721	2.252	2.625	17,25	17,80	20,38	8.256	10.399	10.257	82,75	82,20	79,62
Formosa do Rio Preto	11.886	15.418	16.065	3.623	5.624	5.788	30,48	36,48	36,03	8.263	9.794	10.277	69,52	63,52	63,97
Jaborandi	8.706	11.692	10.243	-	1.687	1.740	0,00	14,43	16,99	8.706	10.005	8.503	100,00	85,57	83,01
Mansidão	8.544	10.290	10.841	1.230	1.844	2.068	14,40	17,92	19,08	7.314	8.446	8.773	85,60	82,08	80,92
Riachão das Neves	18.287	20.282	21.252	5.915	8.921	9.416	32,35	43,98	44,31	12.372	11.361	11.836	67,65	56,02	55,69
Santa Maria da Vitória	34.111	41.528	42.095	13.441	20.774	22.054	39,40	50,02	52,39	20.670	20.754	20.041	60,60	49,98	47,61
Santa Rita de Cássia	17.807	23.240	22.845	5.113	10.621	11.122	28,71	45,70	48,68	12.694	12.619	11.723	71,29	54,30	51,32
São Desidério	14.924	18.977	18.693	3.177	5.539	6.689	21,29	29,19	35,78	11.747	13.438	12.004	78,71	70,81	64,22
São Felix do Coribe	5.527	11.916	12.293	3.845	6.764	8.021	69,57	56,76	65,25	1.682	5.152	4.272	30,43	43,24	34,75
Satana	24.487	24.669	23.859	9.015	11.589	12.256	36,82	46,98	51,37	15.472	13.080	11.603	63,18	53,02	48,63
Serra Dourada	14.044	17.473	18.828	2.142	4.242	5.375	15,25	24,28	28,55	11.902	13.231	13.453	84,75	75,72	71,45
Tabocas do Brejo Velho	10.663	11.281	11.742	1.815	2.766	3.047	17,02	24,52	25,95	8.848	8.515	8.695	82,98	75,48	74,05
Wanderley	11.172	13.637	13.284	2.879	4.706	4.947	25,77	34,51	37,24	8.293	8.931	8.337	74,23	65,49	62,76
Total da Região	336.816	438.953	463.422	102.921	190.243	218.146	30,56	43,34	47,07	233.895	248.710	245.276	69,44	56,66	52,93

Fonte: IBGE Censo Demográfico 1980 e 1991, e Contagem Populacional de 1996

ANEXO 7

TABELA-05 Emancipação dos municípios da região Oeste

Municípios	Lei de Criação	Data	Municípios de Origem
Angical	Ato Estadual, 1890	05/07/1890	Cotegipe
Baianópolis	Lei Estadual , 1776	30/07/62	Barreiras
Barreiras	Lei Estadual, 237	06/04/1891	Angical
Canápolis	Lei Estadual , 1734	19/07/62	Santana
Catolândia	Lei Estadual,1758	27/07/62	Barreiras
Cocos	Lei Estadual,1025	14/08/58	Carinhanha
Coribe			Santa Maria da Vitoria
Correntina	Lei Provincial, 973	15/05/1866	Carinhanha
Cotegipe	Alvará Régio	03/06/1820	Barra
Cristópolis	Lei Estadual, 1733	19/07/62	Angical
Formosa do Rio Preto	Lei Estadual, 1590	22/12/61	Santa Rita de Cassia
Jaborandi	Lei Estadual, 4438	09/05/85	Correntina
Mansidão	Lei Estadual, 4408	25/02/85	Santa Rita de Cassia
Riachão das Neves	Lei estadual, 1731	19/07/62	Cotegipe
Santa Maria da Vitória	Lei Provincial, 1960	08/06/1880	Carinhanha
Santana	Ato Estadual,	26/08/1890	Santa Maria da Vitoria
Santa Rita de Cassia	Lei Provincial, 119	26/03/1840	Barra
São Desidério	Lei Estadual, 1621	22/02/62	Barreiras
São Felix do Coribe	Lei Estadual, 5011	13/06/89	Santa Maria da Vitoria/Coribe
Serra Dourada	Lei Estadual, 1666	12/04/62	Santana
Tabocas do Brejo Velho	Lei Estadual, 1676	13/04/62	Angical
Wanderley	Lei Estadual, 4403	25/02/85	Cotegipe/Barra

Fonte: SEI